





CHRONICA
DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE
D. SANCHO I.

SEGUNDO REY DE PORTUGAL,
COMPOSTA
POR RUY DE PINA,

Fidalgo da Casa Real, e Chronista Mór do Reyno.
FIELMENTE COPIADA DE SEU ORIGINAL,
Que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

A^c MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAÕ V.
NOSSE SENHOR
POR MIGUEL LOPES FERREYRA.



LISBOA OCCIDENTAL.
Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVII.

Com todas as licenças necessarias.

CHRONICA

DO MUNDO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPAL

D. SANCHI I.

SEGUNDO REY DE PORTUGAL

COMPOSTA

POR RUY DE PINA

Fidalgo da Casa Real, e Chronista Mor do Reyno.
FIETMENTE COPADA DE SEU ORIGINAL

Que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo

OFFERECIDA

A MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DE REY

D. JOAO V.

NOSSO SENHOR

POR MIGUEL LOPES FERREIRA



LISBOA OCCIDENTAL

No Officina FERREIRA

M. DC. XXVII

Com todas as licenças necessarias



SENHOR



STA he a segunda vez,
que chego aos Reays
pés de V. Magestade agradecido, e pretendente. Agrade-
cido, porque V. Magestade com a sua natural benignida-
de

de se dignou de aceitar a vida que lhe offereci, do Senhor Rey D. Affonso Enriques, escrita ha mais de dous seculos por Duarte Galvaõ. E pretendente de que V. Magestade com a mesma Real benevolencia, se sirva de Amparar com a sombra soberana do seu Augusto Nome, a vida do Senhor Rey D. Sancho I. que lhe offereço agora, para que animado com a sua Real protecção possa continuar no desempenho da palavra prometida de hir dando à luz as Chronicas dos Senhores Reys deste Reyno, que ha muitos annos se conservaõ manuscritas. A Real Pessoa de V. Magestade guarde Deos muitos annos como dezejamos; e havemos mister.



MIGUEL LOPES FERREYRA.



AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

FERNAO TELLES
DASYLVA

MARQUES DE ALEGRETE DOS CONCELHOS DE ESTADO,
e Guerra del Rey Nosso Senhor, Gentil-homem de sua Camara, Vêdor de sua
fazenda, Embayxador extraordinario à Corte de Vienna, ao Serenissimo
Emperador Joseph, e Condutor da Serenissima Rainha Nossa Sen-
hora a estes Reynos, Academico, e Censor da Academia Real
da Historia Portuguesa, &c.



S repetidas vezes que Vossa Excellencia me tem favoreci-
do com a sua costumada affabilidade, me animaõ a que
novamente me valha do seu favor, pedindolhe queira fazerme a merce de of-
recer a Sua Magestade que Deos guarde, a Chronica del Rey D. Sancho I. que
pelas

pelas herôicas ações de que foy generoso instrumento, bem merece a sua Real
protecção. Espero de Vossa Excellencia este beneficio, fundado nos que te-
nho recebido da generosidade de Vossa Excellencia. Cuja excellentissima
Pessoa guarde Deos muitos annos.

Criado de Vossa Excellencia

MIGUEL LOPES RERRETRA.



2 repetidas vezes que Vossa Excellencia me tem favoreci-
do com a sua costumada affabilidade, me animado a que
novamente me valha do seu favor, pedindo-lhe queira fazer-me a merce de os-
tender a sua Magestade que Deos guarde, a Chronica del Rey D. Sancho I. que
pelas



MIGUEL LOPES FERREYRA AO LEITOR.



A impressão, que agora publico, da Chronica del-Rey D. Sancho I. de Portugal verás amigo Lector, que não falto à palavra que te dey de hir imprimindo as Chronicas manuscritas dos nossos Reys. A que ha poucos mezes dey à luz delRey D. Affonso Enriques, foy escrita por Duarte Galvaó; esta de seu filho, e dos mais Reys, que se lhe seguirão, não he facil a averiguação de quem seja o seu verdadeiro, e legitimo Autor. Commummente andão em nome de Ruy de Pina, que foy hum homem de grande estimação pela pessoa, e pela sciencia. Foy Cavalleiro da Caza delRey D. Manoel seu Chronista, e Guarda mór da Torre do Tombo, e na Embaixada de obediencia à Santidade de Alexandre VI. com que foraó a Roma D. Pedro de Noronha Mordomo mór do dito Rey, e Vasco Fernandes de Lucena, foy o Secretario della Ruy de Pina. Damião de Goes na Quarta parte da Chronica delRey D. Manoel Cap. 38. trata com grande miudeza este ponto, e mostra que estas Chronicas forão compostas humas por Fernaó Lopes, e outras por Gomes Eannes de Zurara, mas não duvida, que Ruy de Pina lhes deo melhor fórma, ou na ordem, ou no estilo, que he o que basta para que de algum modo se lhes deva dar o nome de suas. A mim não me toca o exame desta questaó, mas só o dar noticia do que se tem escrito nesta materia. Aos Autores das Bibliothecas pertence a averiguação deste ponto, e amim continuar com a impressão das outras Chronicas, que se seguem, que como todos sabem, andão em nome de Ruy de Pina, para deste modo servir ao publico, tirandoas do segredo da Torre do Tombo para mayor commodidade dos curiosos.

Vale.

PROLOGUO

DO AUTHOR.

DAS CORONICAS DOS PRIMEIROS REYS de Portugal, primeiramente à Coronica del Rey D. Sancho deste nome ho primeiro, e dos Reys de Portugal ho segundo, dirigido aho muito Alto, e Excellente, e Poderoso Principe El Rey D. Manoel Nosso Senhor, por Ruy de Pina, seu Coronista mór, e Fidalguo de sua Caza.



ESTA desculpa podera ser para mim Rey poderoso, e Principe muy excellente nom emprender obra tam ardua, e tam difficil como esta, ha que ho estreyto mandado de V. A. e seu louvado dezejo me obrigaõ, pois aguora em vosso bemaventurado tempo me manda, que ordene, e componha has antiguas Estorias, louvadas memorias, e notaveis feytos dos primeyros, e exclarecidos Reys de Portugal vossos progenitores, que de seus tempos dividamente se nom acham compostas, ou nos outros despois delles por negligencia se perderam, e abastaria por muy claro corregimento desta escuza, e por receo do grande trabalho, e cuydado do espirito, e das muitas deficuldades, que nesta obra se offrecem, saberem, q̄ jáa por voffo mandado ha começou, e nom proseguio Duarte Gualvam, do voffo Concelho, que para ella, e para couzas outras de moor importancia, he homem por sua doutrina assáas desperto, e muy sufficiente, mas porque voffa vontade Rey muyto excellente, sempre se inclina, e nunca dezeja, salvo obras santas, e justas, e muy virtuosas, assi por esso ella foy sempre, e he preveligiada, e favorecida da suma potencia Divina, que para cumprimento de vossos dezejõs, e propositos nunca para ordenar vos falece saber, e prudencia, nem para executar, e cumprir forças, e grande poder, e da consequença desta singular prerrogativa, que he voffa muy Real pessoa, todas nossas emprezas, e por voffa boa ventura para sempre outorguada, de que ha prosperidade, e verdadeyra fama de vossos maravilhosos feytos dam em todo mundo muy claro testemunho; tomey emprestado para esta obra, que toda hee voffa, alguma ouzadia, ainda que receosa, com que no cansaço deste grande serviço, por ventura nom conhecido,

P R O L O G U O .

nhecido, esforçale ha fraqueza de minhas forças, e favorecesse ha rudeza de meu engenho, para que aho menos por minha piquena possibilidade mostre primeyramente, que de vossa muita bondade, e esforço, e grandeza de animo nom foy sómente descobrir novos Reynos, novos maares, novas regiões, com que aho mundo mayor, e mais riquo que nas terras nom conhecidas, de Deos nunca conhecedoras, seu muy santo nome, como outro Apostolo fizesseis conhecer, e publiquar sua verdadeyra Féé, mas que ainda para mayor acrecentamento do preciozo thezouro de vossas virtudes descobristes esta vossa propria, e muy louvada virtude de tam prefeyta piedade, de que àcerqua dos gloriosos Reys, e Rainhas de Portugal de que descendeis, tam prefeytamente uzais, com ha qual refucitando vossa muy Real Senhoria ha seus nomes muy dinas memorias, e memorandas façanhas, cujo juizo ho esquecimento tinha jáa assi mortifiquadas de todo, e dandolhe estas suas verdadeyras lembranças huma tam segura maneyra para vida eterna, ellas juntas por immortal interesse de mais vosso louvor, se tornem todas ha ver em vós, com mayor resplandor, renovadas, e nellas V. A. mostre aho mundo hos Reaes, e limpos originaes de que foy, e ha my por sua grandesa, e humanidade, perdoe estes cometimentos, que fiz de vos querer louvar, pois verdadeyra necessidade aqui hos inxerio, porque em cazo que seja regra, e principio muy dino, que bem faz quem sempre vêe bem outras.

Porém nom fiqua por saber, muito excellente Rey, que vossos limpos, e castos ouvidos jáa nom esperam por meus louvores, por boquas de Santos Papas, e de grandes Reys, por todo ho mundo tantas vezes publicados, e muitos mais merecidos, porque ha temperança de vossa alma he tal, que com ha sóo operaçam de vossas virtudes, sem q̄ se diguam, intrinsicamente se contenta, mais alegre de bem fazer, que de bem ouvir, mas com tudo porque vós Principe muy esclarecido sabemos, que fostes sobre todos, e sois dado por Rey da sóo maõ de Deos, ha nós, hos vossos Portuguezes, por grande nossa gloria, e vemos que tendes feyta profissaõ, que maravilhosamente comprireis na sagrada Religiam das mais excellentes virtudes Divinas, e humanas, por esto nom hee amy, nem ha outrem periguo, mas segurança, nom hee culpa, mas merecimento, e divida, que devemos louvar vossas cousas tam grandes, e ha vós principalmente porque quando se assi nom fizesse claramente se erraria, e nom tanto ha vós, como ha Deos, pois falandose vossas grandezas, e prosperidades se dá graças, e louvores aho todo Poderoso Deos, que em sua maõ por vós has faz, porque todos sabemos, e ha todos hee muy notorio que ha gloria, e louvor, que por vossa bemaventurança hos homens querem attribuir ha vós, vossa alma, como aquella, que destes beneficios hee muy aguardecida, e

loguo

loguo has offrece ha Deos, de quem fielmente credes, e affirmais que tu
do procede.

E por tornar aho fio do Prologuo, que hum pouquo quebrey, acho Rey poderoso, e muy excellente, que del Rey D. Affonso Anriques deste nome, e dos Reys de Portugal ho primeyro, atée El Rey D. Affonso deste nome ho quarto inclusivè, que são sete Reys, nom parece de suas vidas, nem de seus feytos se acha nos vossos Reynos Estoria ordenada, e composta, como fora rezam, e le merecia, mas haa sómente por Luguares muy ocultos algumas lembranças, cartas confuzas, e muy duvidozas, cuja verdade quanto for possivel, ainda que seja com muito estudo de grande trabalho, hee necessario que se busque, e se apure, e para algúas semillantes lembranças, creio que Duarte Gualvaõ, que se diz compoer ha Coronica del Rey D. Affonso Anriques ho primeyro, de que algum tanto se achou mais escrito, e ha que esta del Rey D. Sancho seu filho, vay continuada, e has outras dos outros Reys, que ho socederam, posto que em seu Prologuo se offreceffe de has acabar, bem sey que nom por defeyto de saber, nem por falecimento de bom dezejo, mas por nom aver, e mais nom achar ha materia para effo necessaria, póde ter que defektio de has compoer, e ha este pezo tamanho, que ha sua suficiencia deyxou, V. A. pela natural obediencia, e servidam, que lhe devo me manda, e constrange, que sem escuza loometa meus hombros, em cazo que fazelo seja proprio de meu officio, bem sinto porem, que de meu laber hee muy estranho, mas como eu Serenissimo Rey sam de vossa esperança favorecido, e com effo tenho alguma confiança de meu dezejo, e cuydado, e assi da grande deligencia, que para esta composiçam se requere, espero prazendo ha Deos, quanto ha hum homem nom sufficiente for possivel, que satisfarey com sua graça ha vosso mandado, posto que nom seja com inteyra satisfaçam de vosso Real dezejo, e esto nom será sem trabalho fundamento, porque hos feytos, e has memorias de nossos gloriosos Reys de Portugal antigos, e mais modernos, foram, e sam por todas has rezões do mundo, assi notorias, e estimadas, que hos Escritores, assi Latinos, como de outras linguoas estranhas, por nom serem ingratos ahos merecimentos de seus tempos, em seus processos, e Coronicas, que compozeram, notarem ha elles Reys de Portugal por muy excellentes em suas obras, e feytos por muy singulares, e dinos para sempre alembra-rem, e nunca esquecerem.

De q se segue q quanto hos Reys de Portugal foram Catholicos, devotos, e obedientes ha Deos, e à Santa Sée Apostoliqua nas vidas, e regiltos dos Summos Pontifices por seus grandes merecimentos, e louvores, claramente se nota, e quanto elles foram generosos, e conquistadores pela

P O L O G U O .

Santa Fé, e de seus proprios Reynos, e Senhorios verdadeyros Augusto nom sómente Coronicas da Espanha, e dos Reys, e Reynos nossos vezi-
nhos, sem duvida ho testemunham, mas has dos barbaros infieis, ainda
que seja com grandes seus estraguos, e cativeyros, muito melhor publi-
quam, e quantas Rainhas, e Princezas, e quantos Ifantes, Princepes, e Se-
nhores sayraõ desta Real Caza de Portugual para muy altos, e licitos ma-
trimonios de Emperadores, Reys, e Princepes de toda ha Christandade,
nas Coronicas de suas vidas feytos, e Reynos manifestamente parece, cu-
ja vista, e leytura, e bom exame amy, para esta obra, nom se escuzam, assi
muy alto, e poderoso Princepe, que possivel hee ainda que seja por cami-
nhos tam longuos, e tam deficultozos, que has Coronicas dos muy excel-
lentes Reys vossos mayores, q̄ atraz apontey, nom lerem como sam de to-
do apaguadas, e que podem em alguma boa maneyra aluminarem este
por mim, e se nesta acupaçam, e serviço assi prefeytamente ho nom com-
prir como V. A. manda, e eu dezejo, seja tanto da costumada benenida-
de de seu animo, relevar minha imprefeyçam, quanto ha deficultdade de
couzas jáa esquecidas, e ha calidade, e grandeza dellas ho requiere, e por
concluir minha introduçam hee bem, que cõ ha graça, e favor de Deos,
comece loguo ha Coronica del Rey D. Sancho deste nome ho primeyro,
e dos Reys de Portugual ho segundo, cuja louvada memoria, e grandes
feytos sam como se segue.



LICENCAS

DO SANTO OFFICIO.

Approvaçãõ do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Manoel Guilherme Religioso da Ordem de S. Domingos, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMMINENTISSIMO SENHOR

Vo livro intitulado Chronica do Senhor Rey D. Sancho I. composto pelo Chronista mór do Reyno Ruy de Pina, e me parece não ter couza que dificulte a licença de se imprimir: porque lhe não acho couza contra a Fé, ou bons costumes. Vossa Eminencia mandará o que for servido. S. Domingos de Lisboa Occidental 10. de Fevreyro de 1726. *Fr. Manoel Guilherme.*

Vista a informaçãõ, pode-se imprimir a Chronica del Rey D. Sancho I. e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 12. de Fevreyro de 1726.

Rocha. Fr. Lancastra. Cunha. Teyxeira. Sylva. Cabedo.

DO ORDINARIO.

Approvaçãõ do Reverendissimo Padre Mestre D. Joze Barbosa Clerigo Regular da Divina Providencia, Chronista da Serenissima Caza de Bragança, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

Por ordem de V. Illustrissima vi a Chronica del Rey D. Sancho I. de Portugal, que escreveo Ruy de Pina, e nella não acho clausula alguma contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes. V. Illustrissima ordenará o que for servido. Nesta Caza de N. Senhora da Divina Providencia 12. de Agosto de 1726.

D. Joze Barbosa Clerigo Regular.

Vista

Vista a informação pode-se imprimir a Chronica de que se trata, e depois de impressa tornarà para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 19. de Agosto de 1726.

D. J. A. L.

DO PACO.

Approvaçãõ de Antonio Rodrigues da Costa, Cavalleyro professo da Ordem de Christo, Fidalgo da Caza de Sua Magestade, Conselheyro Ultramarino, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

SENHOR

VI, como V. Magestade foy servido ordenarme, a Chronica do Senhor Rey D. Sancho I. composta pelo Chronista mór, e Guarda mór da Torre do Tombo Ruy de Pina; e não acho nella cousa que deva impedir a sua impressãõ. Porque ainda que està tam rudemente escrita, que não corresponde ao titulo honorifico de Chronista mór, e com tam poucas noticias, e tão mal circumstanciadas, que tambem parece que não he produçãõ legitima de hum Guarda mór da Torre do Tombo, que he o Archivo publico do Reyno: com tudo como a antiguidade sempre he veneravel, será justo que laya á luz. V. Magestade ordenará o que for servido. Lisboa Occidental 25. de Setembro de 1726.

Antonio Rodrigues da Costa.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornarà á Meza para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Occidental 8. de Outubro de 1726.

Galvaõ. Oliveyra. Teyneyra. Bonicho.



INDEX

DOS CAPITULOS QUE CONTEM esta Chronica.

- C**AP. I. Do tempo, e idade, que El Rey D. Sancho foy levantado, e obedecido por Rey, e assi dalguns geraes avizos para declaraçãõ, e melhor entendimento das couzas antigvas de Portugal, pag. 1.
- C**AP. II. Dalgumas couzas, e feytos notaveis, que El Rey D. Sancho fez em sendo Ifante, pag. 5.
- C**AP. III. Como estando ho Ifante em cerco, sobre ha Villa de Nebla, que he em Andaluzia, hos Mouros cerquaraõ Beja em Portugal, e ha veyo loguo socorrer, e da vitoria, que delles ovve, p. 7.
- C**AP. IV. Como ho Ifante D. Sancho, foy em Santarem cerquado de Miramolim de Marroquos, e como El Rey D. Afonso seu Padre ho socorro, e descerquou, e mataram ha Miramolim, pag. 9.
- C**AP. V. Das couzas em que El Rey D. Sancho nos primeyros annos loguo entendeo de seu Reynado, e como neste tempo ha Santa Cidade de Jerusalem foy dos in-
- feis tomada, e do que El Rey sobre esto fez, pag. 12.
- C**AP. VI. Como ha segunda passagem, que por socorro da Caza Santa se fez, e ho que della socedeo, pag. 15.
- C**AP. VII. Do que El Rey D. Sãcho fez depois da escuza dultramaar, e como foy cerquar Serpa, e despois ha Cidade de Sylves, que era de Mouros, pag. 18.
- C**AP. VIII. De como ha gente de Portugal, e ha dos Estrangeyros cheguaram ha Sylves, e puzeraõ cerco, e deram ho primeyro combate, pag. 20.
- C**AP. IX. Como El Rey D. Sancho cheguou com sua gente por terra ha Sylves, e da outra sua que tambem foy por maar, e dos combates, que loguo se deram, pag. 21.
- C**AP. X. De como foy combatida, e tomada ha couraça da Cidade em que estava ha mais segurança, e mayor repayro dos Mouros, pag. 22.
- C**AP. XI. Dos mais combates que se deram, e como hos da Cidade

I N D E X.

por força se venderam ha partido,
e ha cobraram, pag. 25.

CAP. XII. De huma entrada que
hum D. Pedro Fernãdes de Cas-
tro, dito ho Castellam, sendo lan-
çado com hos Mouros, fez em
Portugual, e de como foy prezo, e
hos Mouros com que entrou, des-
baratados, pag. 29.

CAP. XIII. Das cauças, e imiza-
des antre hos de Castro, e de La-
ra, por cuja causa este D. Pedro
Fernandes de Castro entrou em
Portugual, em tempo del Rey D.
Sancho, que era neto do Conde D.
Anrique de Lara filho de Dona
Mofalda, molher del Rey D. Af-
fonso Anriques sua filha, pag. 30.

CAP. XIV. Como El Rey Jaco-
baboim C, asim Mirabolim de

Marrocos com grande gente de
Reys Mouros entrou em Portu-
gual, pag. 34.

CAP. XV. Do casamento del Rey
D. Sancho, e dos filhos, e filhas
que teve assi legitimos, como bas-
tardos, pag. 36.

CAP. XVI. Das couças, que ha
El Rey D. Sancho em seu Reyno
socederam despois do apartamen-
to da Rainha Dona Tareja sua
filha, atée seu falecimento, p. 49.

CAP. XVII. Do falecimento del-
Rey D. Sancho, e de seu testamen-
to, e de algumas couças, e obras
que fez, pag. 51.

CAP. XVIII. Dalguns Luguares
que El Rey D. Sancho novamen-
te fundou, e fez, e ha que deu fo-
raes, pag. 53.



CORONICA
DO MUYTO ALTO, E ESCLARECIDO PRINCIPE
D. SANCHO I.
SEGUNDO REY DE PORTUGUAL.

CAPITULO I.

Do tempo, e idade que El Rey D. Sancho foy levantado, e obedecido por Rey, e assi de alguns geraes arvisos para declaração, e melhor entendimento das cousas antigas de Portugal.

HO muy alto, e excellente, manhani-
mo, virtuoso, e muy
Catholico Principe
El Rey D. Affonso
primeyro, e bema-
venturado original dos muy escla-
recidos, e christianissimos Reys de
Portugal, depois de vencer por
seu braço em muitas, e muy peri-
guosas batalhas infindos barbaros,
e diversos imigos da Fé, e por seu
maravilhoso esforço, lhes ganhar
por força de armas muitas Cida-
des, Villas, e Castellos, e terras, e
has ajuntar com louvor de Deos à

primeyra, e bem merecida Coroa
de seu Reyno de Portugal, de que
dina, e primeyramente se intitulou,
como em sua Coronica se declara,
cheguando elle ha tanta idade, que
por graveza da carne jáa nom po-
dia exercitar algum dos seus pro-
prios, e muy acostumados officios
de Capitaõ, e Cavalleyro, se reco-
lho à sua Cidade de Coimbra,
onde despois de fazer seu solene
Testamento, e prover com Divi-
nos, e necessarios Sacramentos em
rodo ho que ha bem de sua alma,
e delcarreguo della compria aca-
bou santamente sua vida em idade

de noventa e hum annos, ha seis de Dezembro da era de mil e duzentos e vinte e tres annos, e do Nascimento de N. Senhor Jesu Christo de mil cento e oytenta e sinquo, dos quaes sendo Ifante, e Principe, e Rey Reynou em desvayrados tempos, letenta e tres annos, onde seu corpo, que era muy grande, e bem composto, foy loguo unguido, e metido com grande solenidade em hum Moymento de pedra, sepultura para tam grande Rey, nom sumptuosa, antes chãa, e muy onesta, posta por entãõ em huma Capella do Moesteyro de Santa Cruz, que elle novamente fundou, e larguamente dotou, em que tinha singular devaçãõ, e depois ho muito alto, e excellente Principe El Rey D. Manoel deste nome ho primeyro nosso Senhor, porque em todas suas obras sempre foy Principe muy preseyto, e sobre todo muy manhifiquo, mandou remover ha dita sepultura, e pòr no mesmo Moesteyro em outro lugar que lhe pareceo mais conveniente para ennobrecer, e intitular como ha taõ excellente original, e ha taõ dino Rey, seu mayor, e Antecessor se devia.

E aho tempo do falecimento del Rey D. Affonso era presente ho Ifante D. Sancho seu filho legitimo primeyro, e herdeyro, cuja hee ha presente memoria, ho qual aho tres dias loguo seguintes da era de Cezar, e do anno de Christo acimaditos, por hos Prelados, e No-

bres de seu Reyno, que ahy eraõ, e com has ceremonias, e devida solenidade foy alevantado, e obedecido por Rey de Portugal soomente, sem outro acrescentamento de titulo, em idade de trinta e hum annos, porque elle naceo ha onze dias de Novembro da era de Cezar de mil e cento e noventa e dous annos, e do anno de Christo de mil e cento e sinquoenta e quatro, e foy alevantado por Rey na dita era de mil e duzentos e vinte e tres, e do anno de Christo de mil e cento e oytenta e sinquo, em que seu Padre faleceo, porque do tempo do dito Rey D. Affonso seu Padre, que primeyro se intitulou Rey de Portugal, até El Rey D. Affonso Conde de Bolonha, em França, seu bisneto exclusive todos hos Reys seus sucessores se intitulãraõ Reys de Portugal soomente, sem outra adiçãõ de titulo, nem algum acrescentamento nas sinquo Quinas do Escudo Real, porque ho dito Rey D. Affonso Conde de Bolonha seu bisneto por razaõ, e titulo do Alguarve dáquem maar, que por El Rey D. Affonso deste nome ho Decimo de Castella, e de Liaõ seu sogro lhe foy dado em cazamento com ha Rainha Dona Breatiz sua filha, se intitulou primeyramente Rey de Portugal, e do Alguarve, e acrecentou aho Escudo Real de sinquo Quinas, ha orla dos Castellos douro em campo vermelho, como em sua Coronica aho diante se dirãa, e para remover, e declarar algumas

algumas duvidas que nas Coronicas dos Reys de Portugal podem occorrer.

Hee de saber, q̄ El Rey D. Affonso Anriques, primeyro Rey deida- de de dezoyto annos, q̄ avia quãdo ho Conde D. Anrique seu Padre faleceo, atée aver quorenta e sinquo annos, se chamou Ifante, e assi em quanto regeo sua terra, ha Rainha Dona Thareja sua Madre, ha qual por ser filha del Rey D. Affonso deste nome, ho sexto de Castella, aquelle que ganhou Toledo ahos Mouros sempre se chamou Rainha, e ho dito Conde D. Anrique seu marido, nunca mudou, nem accrelcentou ho nome de Conde, e depois que D. Affonso Anriques seu filho nom consentio, e ha privou de sua governança, elle se chamou Principe dos Portuguezes, e de idade de quorenta e sinquo annos que avia quando venceo ha batalha do Campo Dourique, e foy pelos nobres Cavalleyros seus, que tinha ahy levantado por Rey, atée aver oytenta e sinquo annos, se chamou, e intitidou Rey de Portugal, por sua lóo vontade, e com acordo dos Grandes, e Povo do seu Reyno, e nom foy por authoridade dos Reys de Castella, nem consentimento como em algumas Coronicas Castelhanas craramente eu ho vi escrito, e destes oytenta, e sinquo annos atée aver idade de noventa e hum, em que faleceo se intitidou Rey de Portugal por authoridade, e approvaçãõ do Papa

Alexandre III. ho qual para ho dito Rey D. Affonso de Portugal ho primeyro, e assi todos seus sobcessores ho poderem fazer, e proseguir, com inteyra superioridade, lhe concedeo sua Bulla Rodada autentiqua, e solene, que eu seu Coronista mór vi ha qual foy dada em S. Joã de Latraõ, em Roma ha déz das Calendas de Junho, que hee ha vinte e tres dias de Mayo do anno da encarnaçãõ de N. Senhor Jesu Christo de mil e cento e setenta e nove annos, e ahos vinte annos de seu Pontifiquado, e proviquada por Alberto Presbitero Cardeal da Santa Egreja de Roma, e Chançarel della, com Imposiçãõ, e Cenço del Rey, e seus sobcessores, darem em cada hum anno à Sée Apostoliqua dous marquos douro, q̄ hos Arcebispos de Bragua, que pelos tempos fossẽem em nome dos Papas, aviaõ em cada hum anno de receber: mas estes marquos douro, em nossa memoria se nom acha que se paguassẽem, nem outra cou- ta por elles, antes se cree, que pelos muitos, e muy affinados serviços, que hos Reys de Portugal, como filhos sobre todos muy obedientes, loguo, e despois sempre fizeraõ à Sée Apostoliqua, e assi outros por defençaõ de exalçamento da Santa Fèe, sejaõ, como saõ desta paga para sempre livres, e relevados, assi q̄ neste Mayo deste anno de Christo de mil e quinhentos e treze, em que esta Coronica se começa, se cumprem, e acabaõ trezentos e se-

1179.

1513.

renta e finquo annos que Portugal hee Reyno, e haa trezentos e trinta e quatro que foy aprovado por Reyno, izento como hee, nom reconhecente superioridade ha outro algum.

Aho tempo que ElRey D. Sancho assi foy levantado por Rey avia quatro annos, que era jã cazado com ha Rainha Dona Doce sua mulher filha delRey D. Reymon Rey de Araguaõ, e Conde de Barcelona, e da Rainha Orraqua sua mulher ha qual em algumas memorias mais antigas se chama ha Rainha Dona Doce, e em outras mais modernas se chama ha Rainha Dona Aldonça: mas esto nom faz contradicã porque em sustancia ho nome hee todo hum, e della ElRey D. Sancho tinha jã ho Infante D. Affonso seu filho primeyro, e erdeyro, e assi outros filhos, e filhas de que aho diante farey breve mençaõ, dos quaes hos filhos barões legitimos se chamaõ Infantes, e has filhas legitimas, em cazo que nom fossem cazadas se chamaõ Rainhas, e assi eraõ nomeadas nas solenes doações, e contratos em que todos eraõ nomeados, e hos aprovavaõ, este costume se guardou sómente atè este Rey D. Sancho, porque ElRey D. Affonso seu filho jã chamou ahos filhos, e filhas Ifãtes, ahos lègitimos de Dom, como em suas doações, e testamento parece, e hos filhos bastardos que este Rey, e outros Reys depois tiveraõ, nom se chamavaõ de Dom, mas por di-

ferença da bastardia, foraõ sómente chamados por seus nomes do Bautismo com seus sobrenomes tomados dos nomes dos Padres, ou Avoos, sem precedencia de Dom e sem alguma outra diferencia nem titulo de preminencia, mas assicomo quaesquer outros do Povo, ha saber Pero Sanches, e Orraqua Affonso, e Orraqua Sanches, e assi hee de saber, que do tempo delRey D. Affonso Anriques, atè ElRey D. Pedro inclusive, em que ouve oyto Reys de Portugal decendentes hum do outro, todos em suas Cartas, Privilegios, e Doações, e quaesquer outras Escrituras q̄ eraõ feytas em nome DelRey, e que nom passavaõ por Dezembargadores, e officiaes decrarados, se punhaõ seus sellos sem affinarem de seus nomes, nem doutro algum, e sómente se dizia: *ElRey ho mandou, e foaõ Escrivaõ ho fez.* E quando has cousas eraõ de grandes importancias, e para que compria mais legurança, e moor autoridade, ha saber: *Pazes, Cazamentos, e Testamentos,* punhaõ de suas mãos: *Eu foaõ Rey ha vi, e sob escrevi por minha maõ,* porque ElRey D. Fernando filho do dito Rey D. Pedro loguo como Reynou assinou por sy, poendo: *ElRey,* segundo nas Cartas dos huns, e dos outros que estaõ na Torre do Tombo nestes Reynos de que eu Coronista sou Guarda moor, todo esto assi vi, e ho examiney por verdade, e este costume, e Ordenaçã de hos Reys

assina-

affinarem muitas cousas por sy, ainda agora se guarda, mas hee com grande differencia dos sinaes, porque nas cousas, e Provizões que haõ de aver sellos, affinaõ *El Rey*, e nos Alvaràs, e Cartas missivas affinaõ sómente *Rey*, e em outras cousas acordadas, que ainda requerem fazerse outra provizaõ poendo seu passe, e em todos estos sinaes depois del Rey D. Affonso deste nome ho Quinto, que primeyro ho costumou, além delles, sinquo pontos por lembrança das sinquo Quinas de Portugal.

CAPITULO II.

De algumas cousas, e feytos notaveis, que El Rey D. Sancho fez em sendo Ifante.

EL Rey D. Sancho aho tempo, que direytamente foy obedecido por Rey além do Real, e antigo Sangue dos Reys de que descendia para devidamente ser Rey, ainda por obras, e claros feytos, jáa se fizera digno, nom sómente de erdar por direyto ha sobcessão del Rey seu Padre que erdou, mas de ser para ella emlegido, e requerido, nom era sem causa, porque tendo El Rey D. Affonso seu Padre em idade de oytenta e quatro annos correndo ho anno do nascimento de N. Senhor em mil e cento e setenta e oyto annos, porque neste tempo se acabaraõ humas treguoas

de sinquo annos, e de grande necessidade, que elle com hos Reys Mouros Despanha seus comarquãos posera, vendo q̄ por indespõsição de sua pessoa, que por ha pena que nas portas de Badalhouse quebrara, e por outros emcõvenientes de sua honra, em que encorria se cavalgualse, nom podia por sy fazer ha guerra ahos infieis, assi como compria, e elle sempre fizera, confiando jáa das mostranças de discrição, e esforço de D. Sancho seu filho, que avia vinte e quatro annos porque com o exercicio das armas, e guerra jáa perfeytamente ho exprimentara, desejando que em seu nome, e como seu verdadeiro sobcessor, elle profeguisse contra hos infieis imiguos da Fée, ha conquistação legitima, e meritoria, que tinha emprendida, e com tanta tristeza leyxada por tal, que mais tempo se nom interrompesse, e metesse seu filho na dita conquista lhe fez sobre effo em Coimbra aquella excellente falla, muy dina de tal Pay, e de Rey muy Catolico, e taõ bom Cavalleyro, ho qual Ifante D. Sancho porque sua idade ho requeria, e seu coração muito mais ho dezejava, com tal obediencia ha recebeo nos ouvidos, que loguo ha passou ha seu coração, e nelle atou cõ firmes nóos de grande Fée, e singular Cavallaria, com que loguo tanto que foraõ percebidos hos Capitães, e gente de cavallo, e de pé, que para effo compria, se dispoz aho caminho, e à guerra

jáa bem praticada, e refazendo-le na Cidade de Evora, com afaas bem pouqua gente, para tam grande, e tam periguosa empreza, como tomara, e se lhe offerencia, e com habençaõ, e boa ventura delRey seu Pay que tinha recebida, partio da hy alegre com o rosto na terra Dandaluzia, que entaõ era chea de Mouros guerreyros por onde com muy singular destreza, e ouzadia foy guerreando, e estraguando has gentes, e terras dos infieis, e posto que no caminho arduas contradicções, e grandes afrontas dos inimigos recebesse, porém sempre ha seu pezar delles, e com grandes seus escramentos passou ha Serra Morena sempre vencedor, e nunca vencido, e nunca temeroso, e sempre temido, e assi chegou à Cidade de Sevilha ha qual por ser Cabeça, e titulo entaõ de grande Reyno, e para presunção, e soberba em que estava de muito poderosa, ouve por sua grande deshonra, e incomparavel abatimento ho que assi sentia com dor, e vergonha porque a todos era notorio, que depois da geral perdição Despanha, que foy em tempo delRey D. Rodrigo ho derradeyro Rey dos Guodos, nunca de Christãos, ella fora guerreada, nem sóamente vista, ho que aho Ifante D. Sancho, e ha boa, e leal gente de Portugal que levava, acrecentou muita mais honra, e louvor, onde na crua batalha que nos arrabaldes foy aprazada, e loguo cometida, e bem pelejada nom

faleceo ha D. Sancho prudencia, e acordo com que aconselhado da singular gente que levava, regeo, e ordenou suas batalhas, nem menos esforço de valentia de coraçãõ com que nellas pelejou, ca por dar ahos seus clara esperança de segura vitoria com suas mãos, e armas nom ociozas, seus encontros, e golpes, nom eraõ segundos, mas primeyros, com hos primeyros cometia has mayores afrontas, onde dos irozos braços de seus inimigos recebiaõ para retorno dos que dava golpes duros, e afaas periguosos, aly ha olhos de todos no louvado, e glorioso officio de Capitaõ, e Cavalleyro claramente se mostrou ser bom filho de seu Pay, dino de em todo ho loceder, aly ha calidade, e antigua bondade das armas de gente Portugueza, dava seguro esforço, e esperança de vencer ho que ha sua pouqua quãtidade de gentes tam desigual à dos Mouros, podera por rezaõ deneugar, mas finalmente aprouve ha N. Senhor em cujo nome, e por cujo louvor, e serviço ha batalha foy cometida, que ella se acabou com muito estraguo, e grande mortindade dos inimigos da Santa Fé, ficando ho campo afaaz cheo de corpos cortados de ferro, e vazios dalmas danadas, honde ho sangue dos vencedores, e muito mais dos vencidos foy tanto que deu nova, e muy espantoza, corrête ás agoas do fermofo Rio de Guadalquibir aho longuo do qual, e sobre

bre ho qual foy esta batalha onde jáa sem resistencia, e temor dos inimigos que com medo, se recolheraõ ho despojo do campo, que de cavalos, armas, cativos, e outras riquezas, foy de grande preço, sem estima, ho qual despojo ho dito, Ifante com muita dilcriçaõ, e mayor nobreza por vencedores, com muyta alegria loguo repartio, nom tomando para sy, salvo ha honra, gloria, e louvor da vitoria, e sobretudo como Capitaõ prudente lhes dava aquelles agradecimentos, e louvores que por seus trabalhos, e serviços mereciaõ, com que hos contentou, e satisfez de maneyra, que acrecentou seu amor, e esforço, para nas mayores necessidades que aho diante ocorressem, melhor ho servirem; e de Sevilha porque has forças dos contrarios comarquãos, pela força da batalha passada, fiquaraõ muito quebrados, favorecido ho Ifante D. Sancho da fortuna, e da sua propria Fée, principalmente guerreou, e destrohiõ muitos Luguares, e terras Dandaluzia ao longuo do maar.

CAPITULO III.

Como estando ho Ifante em cerco sobre ha Villa de Nebla, que hee em Andaluzia, hos Mouros cerquaraõ Beja, em Portugal, e ha reyo loguo socorrer, e da vitoria que delles ouve.

Andando ho Ifante D. Sancho nesta prospera conquista, com vontade de ho proseguir muito tempo, estando em cerco sobre ha Villa de Nebla, e posta ella jáa em tanta necessidade, e estreiteza, para ha em breve tomar, foy avizado, que ha Villa de Beja que El Rey D. Affonso seu Padre ahos Mouros tomara, era entaõ delles cerquada, e posta em grande afronta, e deste prudente ardil consultaraõ hos inimigos para cõ elle afrouxarem ho Ifante da guerra Dandaluzia em que tam prosperamente andava, naqual cousa ho Ifante como Principe nom menos prudente que piedoso, e esforçado, concirando que El Rey D. Affonso seu Padre, por elle Ifante ser afastado, lhe nom seria tam facil aver gente, como para tal pressa, e socorro requeria, especialmente por elle trazer ha principal do Reyno comsiguo, e tambem nom lhe esquecendo que era milhor, e ha elle mais devido, antes conservar ho ganhado, e seguro, que conquistar ho duvidoso, detreminou de leixar ho cerco de Nebla, e partirse, e socorrer com suas forças ha Villa de Beja, por se nom perder, e por nom dilatar muito tempo, e poder fazer suas jornadas com mayor pressa, e menos torvações, apartou loguo da sua gente aquella que lhe pareceo, com que milhor, e mais em breve podia socorrer, e porque ho outro seu Exercito viria mais vaguaroso, e para que fiquando em terra

terra de imiguos, se podeffe seguramente recolher, deyxou por Capitaõ moor d'elle, D. Pero Paes Alferes moor, que se mostrou agravado, e descontente por fiquar, e nom levar sua bandeyra, especialmente em caminho, e para cousa de tanta honra, e periguo como se offerecia, e assi como por seu officio sempre fizera, e este D. Pero Paes Alferes foy filho de Payo Soares C,apata, e cazou com Dona Ervira filha de D. Eguas Monis, e de sua mulher Dona Thareja Affonso ha que fez, e dotou ho Moesteyro das Sarzedas, e foy homem neste tempo muy principal, e em feytos d'armas muy estimado.

Eraõ Capitães, que tinhaõ Beja cerquada, Abeamazim, e Albouzil estimados antre hos Mouros, por bons Cavalleyros, antre hos quaes, e assi antre has muitas gentes que comfiguo tinhaõ, porque souberaõ da vinda, e socorro do Ifante, do que ha passar de Guadiana foraõ loguo certifiçados, ouve Concelhos alãas delvairados ca huns temendo jáa seu esforço, e ho favor das vitorias de Sevilha, e Dandaluzia de que vinha muy favorecido, e assi nom receando pouquo ardi-deza dos bons Cavalleyros que ho seguiaõ, aconselhavaõ ha levantar ho cerquo, e nom esperar. E outros concirando ha pouqua gente que ho Ifante trazia em comparaçaõ da muita que elles tinhaõ, receozos de receberem, por esso vergu-nhosa deshonna, e pubriquo vitu-

perio ainda que jáa eraõ meyo vñ-cidos, aconselharaõ esperar, e dar-lhe batalha, e este final acordo tomáraõ para sua mayor perdiçaõ, e para mais acrescentar na honra, e louvor do Ifante, e na bondade, e merecimentos de sua gente, porque achando elle Ifante hos Mouros cerquadores jáa fóra de seu arrayal, e estanças, e com suas azes para batalha bem percebidos, e elle assi como vinha de caminho, tendo jáa com poucas palavras esforçada, e bem avizada sua gente, ferio nelles tam rijamente, e com tal esforço, que posto q ha batalha fosse loguo da sua parte, e da outra bem ferida, e periguoza, porém ha poucas oras, aquelles dous Capitães Mouros principaes que dice, foraõ ambos mortos, e sua gente rota, e destioçada, e posta em fuga, no alcance da qual, que foy curto, hos Christãos mataraõ, e cativaraõ muitos, e tornaraõ-se vitoriosos ha roubar seu arrayal em que acharaõ muito, e muy rico despojo pelo qual ho Ifante vendo de sua jornada ho efeyto tam prospero, recolheo sua gente, e assentou seu arrayal fóra da Villa, e depois de dar pela vitoria infindas graças, e louvores ha N. Senhor elle tambem ahos Christãos cerquados, que com muita alegria, ho sayraõ ha receber, e visitar, deu singulares agradecimentos, que por sua constante lealdade, e por tam louvada registencia mereciaõ, dizendolhe mais, que ha estima em
que

que tinha suas pessoas, e serviços, davaõ testemunho, e verdadeyra Féé, ha que loguo poderião ver, e sentir na pressa, e deligencia que loguo pozeram, e no locorro tam vitoriozo como elles por sua misericordia, e poder de Deos, tam prosperamente lhes déra, e sobre esto dilatou ho entrar da Villa atée que D. Pero Paes Alferes com ha gente que em Andaluzia fiquara, alegres, e seguros chegaram ha elle, com que entrou com muito prazer, e solenidade na Villa, honde por algum repouso dos seus sobresteve alguns dias, e despois de afortalezar ha Villa, e assi outros Luguares da frontaria, de armas, gentes, mātimentos, e de toda outra defençaõ que sentio, que compria aforrado com pouqua gente se foy ha Santarem.

CAPITULO IV.

Como ho Ifante D. Sancho foy em Santarem cerquado de Miramolim de Marroquos, e como ElRey D. Affonso seu Padre ho soccorreo, e descerquou, e mataoõ ha Miramolim.

E Stando assi ho Ifante em Santarem com proposito de hir visitar, e fazer reverencia ha ElRey seu Padre, que era em Coimbra, e darlhe conta de sua viagem, sobre-

veyo loguo, que Abuaxam Almo- hadim, ho segundo Miramolim de Marroquos por vinguãça das mortes, cativeyros, e males que hos Mouros da Espanha por ElRey D. Affonso Anriques, e por elle Ifante D. Sancho seu filho recebidos ti- nhaõ, de que ha parte da Lusitania por elles entaõ logeyta, e ho Algarve com grandés lamentações, e verdadeyras causas de sua destroi- çãõ se enviaraõ querelar, detremi- nou passar em Espanha, e fazer lo- guo guerra ha Portugal, e des- troilo se podeffe, para que ajuntou comfiguo das gentes daquem, e dálem maar, treze Reys Mouros, e com tanta gente de infieis, e de nações armas, e trajos tam desvai- rados, como atée entaõ, segundo testemunho dos mais antiquos, nunca outra tanta se vira junta, hos quaes entraraõ pela Lusitania, que hee arriba de Odiana, e corre- raõ ha Estremadura, e sem resisten- cia passaraõ ho Rio do Tejo, e de- pois de por força tomarem Torres- Novas, e destrohirem ha Villa, com outras Villas, e Castellos de redor em que fizeraõ muito dano, elles neste anno que era do Naci- mento de N. Senhor Jesu Christo de mil cento e oytenta e quatro, cõ seus poderes juntos ha mais andar, vieraõ cerquar ha Villa de Santa- rem, ho Ifante D. Sancho que pela pouqua gente com que se achou tam desfigual em numero para resis- tir assi contra hos infieis foy posto em grandes, e duvidolos pensamen- tos,

ros, e porem porque era ho Principe de gram coraçãõ, e ha que semilhantes afrontas jáa nom eraõ has primeyras para com sua quebra ho saltearem, esforçandose principalmente na piedade de Deos, cuja era ha empreza, e de sy na experiencia, e bondade, e lealdade dos Portuguezes, que com elle eraõ detreminou nom leyxar ha Villa, e esperar nella ho cerco, e batalha, qual se seguisse, e para receber hos combates, que loguo esperava nom se quiz afortalezar dentro nos muros da Villa, nem Dalcaceva, que entãõ era taõ sómente cerquada, e que em tal tempo era, e mais segura esperança de sua salvagam, mas por melhor amosstrar seu animo nom vencido, e acrescentar mais na honra da vitoria, q se aparelhava aguardou, e se fosteve sempre nos arrabaldes da Villa em palanques, e estancias, que com madeyras sómente afortalezou, honde por sinquo dias continos foy de combates mortaes afaas afrontado, e elle ferido, nom sem muita perda com mortes, e feridos de seus bons Cavalleyros, e leaes Vassallos, que nom acabavaõ has vidas sem dobrada vinguança de seus imiguos.

Aho tempo deste cerco, El Rey D. Affonso Anriques era em Coimbra em idade de noventa annos porque dahy ha hum anno loguo faleceo, e sabendo da vinda de Miramolim vendo loguo de futuro como prudente, como exercitado guerreyro, que de alguma grande

afronta de combates, ou batalha ho Ifante seu filho neste cerco nom podia escuzar, posto que ha carne por sua fraqueza, e grande velhice, jáa bem nom podia obedecer ha bondade, e viveza de seu espirito, porém no amor de tal filho, e na lembrança de seu periguo, que ho esforçava, aparelhou ha mais gente que pode para que com sua peffoa, posto que taõ cansada fosse dar loguo ha seu filho soccorro nom menos necessario, que piedozo.

Sabendo hos Mouros, que El Rey D. Affonso era jáa na Villa de Porto de Moos, com firme detreminação de descerquar seu filho, e darlhes batalha, se comprisse, elles para exprimentar se cobrariaõ primeyro ha Villa, ante de sua chegada deraõ seus combates ahos palanques do Ifante, com forças, e pressas dobradas honde de huma parte, e da outra se davaõ, e recebiaõ muitas mortes, e feridas, e grandes danos, e achando nos Christãos taõ grandes forças com tanta, e taõ acordada resistencia desesperaraõ loguo de cobrar ha Villa, e temendo com effo ha chegada del Rey D. Affonso nom sómente afroxaraõ loguo dos combates, mas muitos do arrayal jáa como desesperados se partiaõ, e este conhecimento que do medo, e fraqueza dos Mouros loguo se tomou, dobrou ahos Christãos tanto esforço, que muy acezos para vinguança hos cometeraõ muy rijamente,

mente, e por força hos afastaraõ de seus palanques, e estancias ordenadas, e hos fizeraõ dahy recolher aho lugar, e monte Dabbade, e ho Ifante estando ainda duvidoso, e nom bem seguro de Miramolim com mayores forças tornar aho cerco, e combates sobre elle, nom sabendo, nem esperando ho socorro, que lhe vinha, appareceo El Rey D. Affonso seu Pay assentado em hum carro acompanhado de sua gente mais esforçada, e Real, que muita, e todos guiados de sua bandeyra Real, em que ho Ifante, e hos Christãos por ser ella guarnecida de tantas, e taõ grandes vitorias logo viraõ huma certa confiança de segura vitoria, pelo qual muy alegres, e com ella fauorecidos cavalguaram, e sem detença se ajuntaram ha El Rey, sem se passar tempo em contas de cousas passadas, nem se fazerem antre elles has reverencias, e acatamentos devidos, mandou logo mover has batalhas contra hos Mouros, em que feriraõ tam sem medo, e com tanto esforço, que em poucas oras foraõ todos desbaratados, e vencidos, e hos mais dos Reys Mouros que aly vieraõ, mortos com muitos outros dos mais principais, e na outra gente se fez grande estrago, e Miramolim de tais feridas foy ferido, que em passando ho Tejo dellas morreo, e nas Coronicas dos Mouros se affirma, que hum piam Portuguez ho matou estando sobre Santarem, e por vingança da mor-

te de Miramolim, entrou logo em Espanha Habuhalh-Moady, tambem terceyro Miramolim de Marroquos, este foy ho que venceu ha batalha de Lharquos ha El Rey D. Affonso deste nome ho Noveno de Castella, de que hos Christãos receberam muita perda, e Espanha esteve outra vez em ponto de se perder, mas este Miramolim morreo, e ha poz elle soccedeo outro Miramolim seu filho, que diziaõ Abemtuaomas, e este tornou ha ser vencido por ho mesmo Rey D. Affonso, na outra muy celebrada batalha, que se diz nas Naves de Tolosa acerca Dubeda em Castella pela qual batalha hos Mouros fiquaraõ em grande escarmento, e de huma batalha ha outra ouve despaço dezafete annos como nas Coronicas de Castella esto mais larguo, e mais proprio se declara, e torno às cousas de Portugal.

Como esta vitoria, e delcerquo de Santarem foy taõ prosperamente acabado, El Rey, e ho Ifante volveraõ sobre ho arrayal dos Mouros, e ho despojaraõ em que acharaõ requissimo despojo de muito ouro, e prata, e de tendas, Camelos, Cavalos, armas, e infindos cativos com que entraraõ na Villa riquos, vitoriosos, e alegres, dando muitas, e muy merecidas graças ha nosso Senhor por vitoria taõ milagrosa, e despois que El Rey sobre este taõ louvado, e taõ glorioso trabalho quiz repouzar, ho Pay, e ho filho se deceraõ, e ho

Ifante delpois de lhe beyjar has mãos lhe deu particular conta das grandes cousas que em Andaluzia, e em Beja, e neste cerquo passara com que ha alma delRey se alegrava, nem eraõ seus ouvidos fartos de has ouvir, pelas quaes perfeições, e muitas bondades, que em seu filho sentia, e com taõ claras experiencias de jáa nom serem duvidozas tendo nelle hos olhos de lagrimas de muito prazer, e alegria lhe dice.

Filho Deos nosso Senhor ha que nada se esconde, sabe que nesta ora em que vos vejo, eu nom sey se por serdes meu filho, ou por has bõdades, e virtudes, que em vós conheço vos deua mais amaar, mas por esso ho louvo mais por ambas estas obrigações, e respeytos que quiz ajuntar em vós, para com rezaõ vos ter por ellas dobrado amor, se em mim se podesse dobrar. E despois de proverem has cousas de Santarem como compria, ambos juntamente se partiraõ para Coimbra, onde apouquos dias ElRey com sua alma jáa descançada, e satisfeyta das cousas deste mundo, e para has do outro em todo descarreguada, e limpa ha deu ha Deos que lhe daria eterna bemaventurança, e assi he de crer piedosamente, e ho Ifante D. Sancho foy loguo alevantado por Rey, como acima jáa brevemente dice.

CAPITULO V.

Das cousas em que ElRey D. Sancho nos primeyros annos loguo entendeu de seu Reynado, e como neste tempo ha Santa Cidade de Ferusalem foy dos infieis tomada, e do que ElRey sobre esto fez.

NOs primeyros tres annos do Reynado delRey D. Sancho entendeu elle em defender com has armas seu Reyno, e governalo direytamente com justas leys, porque para huma coula, e para outra tinha singular perfeição, porque era Principe Catholico, e muy amigo de Deos esforçado, bom, e prudente, e de bom juizo, e muito amado de seu povo, e principalmente procurou que ho Reyno para has cousas temporaes fosse bem aproveytado, e que hos homens naturaes delles sendo fóra das guerras e afrontas necessarias nom se dessem ha vicios, e ociosidades, mas que vivessem por seus trabalhos, e para esso deu muitos foraes, e muy favoraveis ha muitas Cidades, Villas, e Luguares do Reyno, que elle novamente fundou, povorou, e fortalezou, como aho diante direy, e assi fez muitos emprazamentos de terras, e reguenguos ha muitas pessoas particulares, e tanto gosto tomava, e cuidado no aproveytamento,

to; e bem feytorias da terra, que géralmente nom sem causa era chamado Lavrador, e no cabo dos tres annos andando ha era de Cezar em mil duzentos e vinte e seis annos, em ho anno do Nascimento de N. Senhor de mil cento e oytenta e oytto annos, ha Caza de Jerusalem por Saladino Soldam do Egipto, e inimigo da Féé ultimamente foy tomada, e porque ElRey D. Sancho com hos outros Reys, e Principes Christãos, para ha recobrem foy raõ dos Papas com grande instancia exhortados, e requeridos, para esto melhor se entender farey desso algum fundamento breve, muy alto.

Para ho q̄ he de saber, q̄ no anno de N. Senhor de mil e noventa e dous hũ Pedro Ermitaõ, de naçaõ Francez, baraõ Religioso de santa vida, e muy esforçado, vindo da Terra de Suria, e Cidade Santa de Jerusalem achou em França ho Papa Urbano II. aqui por Catholicas querelas, e grandes lamentações que lhe fez sobre ho vituperado cativeyro do Santo Sepulchro, e do desprezo, e mau trato de seus Menistros, estando tudo por fraqueza dos Fieis em poder de Caliph Mouro tyrano, e muy poderoso, e comoveo ha fazer como fez solene, e géral Concilio em França na Cidade de Claromonte em Alveinja, onde comoveo para esta conquista, e assi todos Reys, e Principes de Europa, que aly nesta santa expedição se apartaraõ prin-

cipalmente Guodafre de Balhaõ Duque de Lotorigia, e Baldovino seu irmaõ, e ho Conde D. Rey-maõ de S. Gil, genro delRey D. Affonso VI. de Castella, cazado com Dona Ervira irmãa da Rainha Dona Thareja madre delRey D. Affonso Anriques, e ho grande Huguo irmaõ delRey Fellippe de França, e ho Principe de Milam, e Bermudo irmaõ de Rogerio Duque Dapulha, e hum filho de Vital Michael Duque de Veneza, com grande frota, e assi ha Cidade de Genoa, com muitas Gualés, hos quaes todos segundo ha géral estimaçãõ, que se fez, refizeraõ para esta conquista trezentos mil homens que de huma Cruz vermelha foraõ todos affinados, e cruzados em nome do Papa.

Foy por seu Deleguado no Exercito Hadamaro Bispo Podiense Baraõ em todo muy singular, e ho sobre dito Pedro Ermitaõ tomou sobre sy ha Capitania de muita, e muy esforçada gente, ha q̄ se ajütou Reynaldo Capitaõ dos Alemães, que sua via para Alemanha, e Ungria, e hindo para terra entraraõ ha Suria, e com grandes revezes, e fadiguas de mortes, e cativeyros que nos caminhos padeceraõ, finalmente cheguaõ ha Jerusalem, e hos outros Capitães ordenados com suas gentes passaraõ hos Alpes, e depois de visitarem ha Roma, e receberem ha bençaõ, e absolvição do Papa, se despediraõ, e embarcaraõ em Italia, e assi todos se

se ajuntaraõ sobre ha Santa Cidade, ha qual por longuos tempos, e grandes antrevalos cobraraõ, e ha tiraraõ do poder do dito Calypha, que ahy morreo, sendo tambem destroçados, e vencidos outros Reys barbaros, e feyto nelles taõ grande estraguo, e em suas gentes, que ho sangue, segundo fêe de di- nos escritores dava nas ruas da Cidade pelos artelhos dos pées dos homens, e esto foy no anno de N. 1099. Senhor de mil e noventa, e nove, e do cativeyro de quatro centos e noventa annos, quando tendo nella ho imperio, e senhorio Heraclio foy dos infieis primeyro tomada.

1101. E por concordia, e prazer de todos los Principes, e Senhores Chri- tãos, que nesta expunhaçaõ eraõ presentes foy alevantado por pri- meyro Rey de Jerusalem ho dito Duque Gudufre de Bulhaõ ha que se deu em Belem ha obediencia com grandes, e santas ceremonias no anno de nossa salvaçaõ de mil cento e hum annos, e neste alevan- tamento porque com huma coroa douro muy riqua ho quizeraõ co- roar, e elle ho nom consentio, e ha desprezou, dizendo, que nom era cousa dina homem Christaõ sendo terreal teer em sua cabeça Real co- roa douro, naquelle luguar onde ho Divino Rey dos Reys, por sal- vaçaõ da geraçaõ humana ha tive- ra na sua com espinhos taõ aspera. Este Rey Gudufre, e seis Reys de Jerusalé, q̄ ha poz elle Reynaraõ, dos quaes Guido Rey foy ho der-

radeyro, tiveraõ ha Caza Santa com grande honra, e muita gloria, e louvor da Religiaõ Christaã atèe oytenta e oyto annos, no cabo dos quaes foy della Rey muy singular, e muy esforçado Baldovino ho le- proso, deste nome ho quarto, e dos Reys de Jerusalem ho setimo, que por sua incompativel enfermidade nom cazou, e fez herdeyra no Rey. no Sebila sua irmãa mayor, que lo- guo cazou com Guilhelmo dito por alcunha lingua espada, filho do Marquez de Monferrado, que ha pouquo tempo faleceo, e ficou delle, e de Sebila sua mulher hum filho chamado tambem Baldovino, ha qual Sebila ainda em vida de seu irmão Baldovino cazou ha legun- da vez com Guido de Loufinhã; homem muy principal aho qual, e assi ha D. Reymaõ Conde de Tri- puly ho dito Rey Baldovino deu ha tituria do menino Baldovino seu sobrinho com fêe, e juramento, que tanto que fosse em idade para por sy reger, lhe entreguasse ho Reyno, que elles em tanto aviaõ de guovernar, e defender, mas como El Rey Baldovino ho leproso fale- ceo, Guido, e Sebila sua mulher nom consentiraõ ho Conde de Tri- puly na guovernaçaõ do Reyno, q̄ em nome do menino se havia de fa- zer, ho qual ha oyto mezes depois da morte do tio, tambem loguo fa- leceo, cuja morte sua mãy enco- brio, atèe que por dadivas, e pro- meças concordou com ho Patriar- ca dito Arnulpho, e com hos mais dos

dos Senhores daquelle Reyno, que Guido feu marido fosse emlegido, e alevantado por oytavo Rey de Jerusalem, naquella eleiçãõ, e obediencia ho sobredito D. Reymaõ nom consentio antes ho contradice, e havendo entre sy muitas differencias, e começos de grandes imizades, partio de Jerusalem, e se lançou com ho graõ Soldaõ de Babilonia, e muita gente com elle, da qual coufa por elle ser muy principal, e de grande authoridade, se seguio grande mal, e total perdiçãõ do dito Guido Rey, e de todos outros Christãos da Terra Sãta porq̃ Saladim Rey barbaro Mouro no Egypto muy poderoso, sendo desta divizaõ, e discordia dos Christãos certifiqado, ajuntou grandes exercitos de infieis com que loguo conquistou, e cobrou sem resistencia muitas Cidades, e terras do Reyno de Jerusalem, e veo pòr cerquo ha Cidade Descalom, onde por mais forte estava ElRey Guido, e ho Mestre do Tèplo, cujas peffoas despois de perlonguado ho cerquo por condiçãõ, e partido forçados, e sem suas vontades foraõ pelos da Cidade entregues ha Saladim, por dar por effo como deu ha vida ha todos outros, que na Cidade eraõ cerquados, e com esta vitoria, e destroço dos Christãos, ho dito Saladim foy loguo cerquar ha Cidade de Jerusalem, que temORIZADA com seus defençores das mortes, e cruezas por outra jáa padecidas, e desespe-

rada do soccorro, nem outra ajuda, sem afronta, nem estreyto combate se lhe deu, tomando hos de dentro has sóos vidas por partido, com ho que às costas podessem levar de suas fazendas, e esta miseravel tomada, e doloroso cativeyro da Santa Cidade de Jerusalem foy ha dous dias Doutubro, do anno de N. Senhor de mil cento e oytenta e oytenta, que foraõ oytenta e oytos annos despois que do Duque Gudufre fora tomada, e com muita prosperidade, e grande louvor da Christandade possuida como atraz jáa toquey.

1188.

CAPITULO VI.

Como ha segunda passagem que por soccorro da Casa Santa se fez, e ho que della succedeu.

DAs gentes, que das inhumanas cruezas, e grandes cativeyros dos infieis, salvaraõ has vidas cada hum por salvo conduto dos barbaros outorguados seguiraõ ho caminho, que suas vontades, ou suas venturas lhes entaõ melhor ordenou, antre hos quaes muitos que vieraõ ha Europa loguo se foraõ lamentar sobre ho cativeyro, e redençãõ do Santo Sepulchro a hos Papas Urbano ho segundo, e Gregorio ho outavo, cuja morte breve, e anticipada, que lhe sobreveyo, atalhou seus desejos, que para ho efeyto

efeyto desto mostraraõ muy fer-
ventes, e ho Papa Clemente III.
que hos succeden, ainda que pou-
quo vivesse, comoveo em sua vida
grandes exercitos de muitos Reys,
e Principes Christãos que passaraõ
ha ultra maar, em que era ho Em-
perador Federiquo, e Felippe Rey
de França avoo del Rey S. Luis, e
Ricardo Rey Dinglaterra, e ho
Duque de Borgonha, com outros
muitos Duques, e Condes, e Se-
nhores de nobres titulos, e grandes
potencias de toda ha Christandade
hos quais antre sy por escuzarem
competencias, e sem alguma con-
tradiçaõ emlegeraõ por seu Capi-
taõ geral ha Bonifacio Marquez de
Monferrado, que era auzente por
ser homem prudente, muy esforça-
do, e de grandes experiencias para
tal carguo, e sendo todos passados
ha ultra maar como quer que nom
cobraram ha Caza, e Cidade Santa
de Jerusalem; porẽm fizeraõ tam
grandes danos a hos infieis, que sen-
do ho tyrano Saladim em muitas
batalhas pelos Christãos destroça-
do, e estando jáa em condiçaõ, e
pensamento de lhes entregar ha
Santa Cidade, aconteceo por defa-
vêturado caso q ho Emperador Fe-
deriquo faleceo, ha poz cuja mor-
te ouve sobre ho Principado de Je-
rusalem tantas dissenções antre El-
Rey de França, por discontente do
negocio se tornou para seu Reyno,
e El Rey Dinglaterra ficou por
alguns dias fazendo crua guerra
ahos infieis, e detreminando cer-

quar ha Cidade de Jerusalem, e co-
brala com suas forças, e porque so-
brevieraõ grandes invernadas, e
por eslo muitas gentes de seu exer-
cito se partiraõ, mudou seu propo-
sito da guerra, e fez com Saladim
pazes temporaes, de que ouve se-
gundo testemunho de muitos, grã-
de soma de dinheyro, com ha qual
tornando-se para Inglaterra no ca-
minho foy de Christãos Dalema-
nha seus imiguos prezo, e cativo, e
despois resgatado por mayor rique-
za do que recebeo.

Mas ho louvado Capitaõ Boni-
facio com aquelles Christãos que
ho quizeraõ ajudar nunca leyxou
ha empreza gastando nella todo ho
que tinha, atée sobre esto vender ha
Venezianos ha Ilha, e Senhorio de
Candea, que era sua, por dinheyro
apreçado para em alguma maney-
ra foster ha gente darmas, que por
fêe, e devaçãõ ho leguiaõ, em cuja
Capitania ha conquista de ultra
maar, e guerra della durou alguns
tempos, lostendo, e defendendo al-
guns Luguares que pelos infieis
nom foraõ tomados. Ha qual guer-
ra durou assi atée ho tempo do Pa-
pa Innocencio Terceyro, q fazendo
grande, e universal Concilio em
Roma à cerqua de S. Joãõ de La-
traõ sobre ha guerra dultra maar, e
recobramento da Caza Santa, so-
bre ha justa concordia que se to-
mou, enviou seus Breves, e com
elles Bullas da Cruzada ha todos os
Reys, e Principes de Europa, antre
hos quais foy El Rey D. Sancho,
que

que ouve tambem seu Breve aſaas longuo, cuja copia chea de lamentações, e de rezões muy evidentes, eſculo declarar aqui, porque ha cauſa para Chriſtãos era muy juſta, e ſanta, e has neceſſidades para remediar eraõ urgentes, e muy piedoſas, ſómente abaſta ſaberſe, que com toda ha efficacia, lhe ſenſiquou ha ultima deſtroiçam da Caza Santa, e ho comunicou, e exhortou para cobramento della, com outorgua, e conceſſão de plenarias Indulgencias ahos que láa foſſem, e tambem ahos que para tam ſanto ſoccorro, e juſta expediçam deſſem ajudas de gentes, e dinheyros.

E com eſta meſſagem do Papa ſobre calo tam triſte, que El Rey D. Sancho recebeu foy muy anojado, e nas couſas de ſua muy real Peſſoa, e Corte, moſtrou tanto ſentimento, quanto ſe eſperava de tam bom, e Catholico Rey, como elle era, e tendo Concelho ho que em tal tempo, e tal calo ſe devia fazer, El Rey em quanto tomava Concelho de ſy meſmo, e de ſua devaçãõ, e do deſejo que tinha da cabar ajuda em ſemelhante conquista de tanto ſerviço de Deos para merecimento, e ſalvaçãõ de ſua alma, pareceolhe couſa juſta leyxar ſeu Reyno, e levar delle todo ſeu teſouro, e gente, e armas, e poder, e ſeguir ha empreza dultra maar por redençaõ da Caza Santa, mas aconselhado da rezaõ que lhe apreſentou hos muitos inconvenientes, e

grandes males, que nom ſómente ha ſeu Reyno, mas ha toda outra Religiam Chriſtãa pelos Mouros Daſriqua, e da Eſpanha principalmente ſem reſiſtencia ſendo auſente ſe podiaõ ſeguir, ouve entam ha ida de ſua Peſſoa, e ajuda de ſuas gentes por muy perjudicial, e em grande deſerviço de Deos, e de ſua ſanta Fèe, ho que nom era ſem cauſas muy conhecidas, porque ha moor parte de ſeu Reyno de Portugal tinha Mouros inimigos, por fronteyros, e continos guerreyros, que por males ſeus recebidos, procurariam loguo ſua vingança, como elles por ſeu dobrado mal, que receberam, muitas veles cometeram, eſpecialmente tendo por ſy, e em ſeu favor toda ha potencia Daſriqua, com vivo deſejo, e tam crua, e antigua imizade para ha ſegunda deſtroiçam Deſpanha, pelo qual concirou, que nom ſeria total ſegurança da Chriſtãdade cerrarem ſe has portas da guerra Dazia com ha conquista de ultra maar, e abrirem ſe has de Europa em Eſpanha, para mais conhecida, e mais facil deſtroiçam da Religiam Chriſtãa. Has quaes rezões, e eſcuzas del Rey D. Sancho enviou loguo por ſua parte aho Papa, e aho ſagrado Collegio dos Cardiaes, e ahos Principes, e ſenhores, que para eſta conquista eram aparelhados, remetendo tudo ha ſeu bom Concelho, e madura detreminaçam, hos quaes ſem longuo exame, nem muitas altercações louvãram, e aprovaram

seu conelheiro, e santa, e prudente tençam, e ouveram por bem que fiquasse, e nom fosse.

CAPITULO VII

Do que ElRey D. Sancho fez depois da escuzã dultra maar, e como foy cerquar Serpa, e despois ha Cidade de Sylves, q̃ era de Mouros.

ELRey D. Sancho por assi fi quar, e nom hir com hos outros Reys, e Principes nesta conquista pareceo claramente que recebeo, e ficou com muita tristesa, mas porque esta sua devaçã para guerra tam piedosa nom pareceffe esteril, e izenta de algum beneficio nom leyxou por effo de fazer, e enviar grandes ajudas, e esmolas ha Jerusalem para se manter, e nom desistir da santa guerra, e além desso para mayor perpetuidade della, deu em seu Reyno ha muitas Villas, e terras novas, que entã eram do Esprital de S. Joãõ, e do Templo de Salamaõ em Jerusalem, para reparo do Santo Sepulchro, cujas rendas se arrecadaõ pelos Mestres, e Piores que pelas ditas Ordens em cada hum Reyno eram deputedos, e além destas testemunhas verdadeyras de sua grande fée, e fervente devaçã porque ellas ainda nom satisfaziaõ ha bondade, e grandeza de seu coraçãõ, determinou pois hos dultra

maar aviam de trabalhar por acrescentamento, e louvor da santa Fée, que elle tambem em seu Reyno nom estivesse ocioso, pelo qual has treguoas, que por algum tempo tinha com hos Mouros assentadas has mandou loguo alevantar, e com suas gentes, que loguo ajuntou correo, e destroyo em pefloa has terras dos infieis na frontaria Dandaluzia, e da volta jáa sobre ho Inverno, veo pòr cerquo sobre ho Castello de Serpa, que por dias combateo, e poz em grande afronta, com danos, e mortes dos cerquados.

Mas por chuvas, e grandes tempestades, que loguo sobrevieram, alevantou o cerquo, e parece que daquella vez nom tomou ha Villa, e por ha este respeyto ser tomada ha Caza Santa como dice, acertou que no anno seguinte na era de N. Senhor de mil cento e noventa e nove, muitos Christãos nobres das terras de Ponente de nações desvairadas, ha saber Alemães, e Framenguos, e Francezes, sendo em suas terras pelo Papa exhortadas para santa passagem de Jerusalem, como ho foraõ todolos outros Christãos movidos por devaçam, como bons Catholicos, e para mayor merecimento de suas almas se meteraõ em sinquoenta e tres Naos para yrem ajudar ha servir na dita conquista, e sendo em maar ha travez Despanha, deu nelles huma grande, e periguosa tromenta, que para ho que se seguio, foy asãas piedosa,

dosa, e bem aventurada, com força da qual, e sem suas vontades delles veo ao singular, e seguro porto da Cidade de Lisboa, aho qual tempo El Rey D. Sancho era em Santarem, e sendo avizado da vinda, e estada da frota por saber da nação das gentes que nella eraõ, com que fundamento, e proposito vinham, se veyo ha Lisboa, e despois de saber delles em certo seu santo proposito, ouve deffo grande prazer, e em sua pessoa lhe louvou muito, e sobre effo hos mandou honrar, e agualhar com ha honra, e aquella abastança de mantimentos, e refretuos, que seu destroço desejava, e como à grandesa, e estado de tal Rey pertencia, e porque ho tempo por huma ordenança, e premissam Divina foy à frota, e à sua navegação muitos dias contrarios para nom poderem sair, e fazerem sua preposta viagem, El Rey pratinhou com hos principaes delles huma deliberaçam, que despois de saber sua vinda àquelle porto comfiguo mesmo loguo maginou, e com alguns seus, despois ha consultara, ha qual era hirem todos juntamente sobre algum Lugar principal dos Mouros, que na costa do maar estivesse, e com ha ajuda de Deos, e suas forças trabalhassem de ha tomar, e que para esta obra tam santa podiam direytamente com mudar seus votos, e desejo que traziam de na mesma guerra contra hos infieis servirem ha Deos, e ainda que sua providen-

cia parecia para outro fim, nom premetia sua tardança, ho que a hos Estrangeytos principaes loguo pareceo bem, e despois por acordo que antre sy todos tiveram, ho aprovaram, e apontando El Rey hos Luguares dos infieis sobre que deviam de ir, nom se achou outro contra que houvesse mais rezaõ que ha Cidade de Sylves no Algarve porque era Lugar grande, e junto da costa do maar, em q hos inimigos cossayros achavam provisões, e amparo, e dahy sayão ha fazer suas prezas ha desvayrados Luguares em que danifiquavam muito a hos Christãos, e por estes males para q na Cidade avia grande disposiçaõ, e que hos Estrangeyros foram representados lhes prouve que esta fosse, ha que fossem combater, e tomar mais que outra alguma, e sobre effo antre El Rey, e elles foy concordado, que dando Deos ha Cidade em seu poder que El Rey em sua parte ha ouvesse com seu senhorio, e elles levassem todo ho despojo que se nella tomasse, e deffo se fizeram antre todos seguranças devidas, e firmes, e tanto que antre elles esto foy assentado porque El Rey tinha alguma sua gente prestes mandou em tanto cõ ella por terra ho Conde D. Mendo, que se dizia ho Souzam, seu vassallo, e natural que no Reyno de Portugal àquelle tempo era ho mayoral, e mais principal Senhor, porque era bisneto del Rey D. Afonso Anriques, filho de D. Gon-

çalo de Souza que cazou com Dona Orraqua Sanches filha de D. Sancho Nunes, e de Dona Tareja Affonso filha bastarda delRey D. Affonso Anriques, e tinha muitos, e muy honrados filhos de que ouve genros homens de estima, e ordenou ElRey, que hos Estrangeyros fossem por maar, para loguo porrem cerquo à Cidade, e que ElRey despois de ajuntar mais gentes por maar, e por terra, lhe yria loguo socorrer, e assi se comprio porque ho Conde com ha gente que lhe foy ordenada loguo partio, e chegou ha Sylves primeyro que ha frota.

CAPITULO VIII.

De como ha gente de Portugal, e ha dos Estrangeyros chegaram ha Sylves, e lhe puzeram cerquo, e deram ha primeyro combate.

Despois da frota dos Estrangeyros arribar aho porto do maar mais acerca de Sylves, e hos Capitães, e homens principaes della poerem suas gentes em terra, e assentarem seu cerquo ho Conde D. Mendo como era baraõ de muy nobre fangue, e prudente, e no exercicio da guerra bom Capitaõ, e esforçado Cavalleyro, tanto que vio hos Estrangeyros aposentados hos visitou loguo com grande prazer, e muita humanidade dizendo-

lhe palavras de esforço, e desejada esperança, com que mostraram ser para sua emprela alegres, e esperotos, sendo loguo juntos, lhes dice mais. *Pareceme senhores que ha rezão, e ho serviço de Deos porque vimos, e tambem nossas honras nos obriguam fazermos nesta cheguada tal cometimento porque estes Mouros imiguos da santa Fée, loguo comem sem de ver, e exprimentar com seu dano, nossas forças, e que gente somos porque muitas vezes hum sôo, e piqueno combate, se he bem apressado faz tal quebra, e fraqueza na força dos imiguos, que sem grandes periguos, nem grandes trabalhos hos move, e faz render por vencidos, e havendo de ser como aqui parece seja loguo sem outra tardança.*

Da qual coula muito aprouve ahos Estrangeyros q̄ ho louvaraõ, e aprovaraõ, porque eram homens de bom coraçãõ, e de suas terras vinhaõ jãa para effo inclinados, e oferecidos, pelo qual todos juntos, e conformes em huma vontade na boa ordenança que antre sy praticaram, deram loguo à Cidade hum rijo combate com que entraraõ por força hos arrabaldes della, que eraõ cerquados, que hos Mouros leixando primeyro nelles muitos dos seus mortos, e feridos, loguo desemparraraõ, e mal acordados de meyo vencidos se recolheram àcerqua da Cidade, ha qual naquella volta fora dos Christãos entrada, senom fora ha delordenada cobiça, e principalmente dos Estrangeyros com
que

que esquecidos da honra, e lembrados por entaõ da riqueza, e despojo que se lhes oferecia ha nom quizeraõ entrar, intentos, e ocupados sómente em roubar has muitas, e boas cousas, que pelas cazas dos arabaldes achavam, e has recolhiam loguo ahos Navios sem outro cuidado, e ainda despois de has recolharem, e satisfazerem ha seus desejos, com tudo ho que do despojo melhor lhe pareceo aho mais que ficou por se delle outros nom aproveytarem pozeram foguo bravo, do que desaprouve muito ahos Portuguezes, e lhe estranharam como sua cobiça, e inveja entam mereciam, por nom quererem que do que nom queriaõ, e lhes avorrecia, hos outros se aproveytassem.

CAPITULO IX.

Como ElRey D. Sancho chegou com sua gente por terra ha Sylves, e da outra sua que tambem foy por maar, e dos combates que loguo se deram.

ELRey D. Sancho despois de apurar, e ajuntar suas gentes do Reyno apartou dellas has que lhe bem pareceram, e com ellas por terra se foy ha Sylves, e has outras mandou por maar em sua frota, em que avia quarenta Gualés, e Gualiotas ha fóra outros muitos Navios, em que yaõ todas as armas,

engenhos, artelharías, que compriam para cerquo, e combate de huma tal, e tam forte Cidade, e assi muitos mantimentos aquelles que se bem poderam alojar, e chegou ElRey sobre ha Cidade no mez de Julho véspera de Santa Maria Magdalena do anno de N. Senhor de mil e cento e noventa e nove, e neste tempo jáa ho Infante D. Affonso filho mayor, e erdeyro delRey D. Sancho, e da Rainha Doce, era nacido, e avia treze annos.

1199.

Com ha chegada, e Pessoa delRey foram hos Christãos muy alegres, e favorecidos, e hos Mouros da Cidade muy tristes, e postos em duvidosa esperança de sua salvaçaõ, e defençam, e por ElRey nom estar ouciozo mandou loguo com muita pressa, e destresa armar hos engenhos em torno da Cidade, e repartir ho combate das escalas, em que ordenou muitos besteyros, e archeyros, e todo ho mais que compria, com que loguo por muitas partes combateram ha Cidade sendo ElRey em pessoa, que hos esforçava. Mas por ella ser muito forte, e asãas provida de gentes infieis, e bem guerreyras, e elles como desesperados de alheo socorro, e por salvarem has vidas, se defenderam por maneyra que hos Christãos com muito dano que dos dentro receberam, se afastaram dos combates porque ElRey vendo ha resistencia, e força dos imiguos, e has minas de setas, e pedras com que

que feriam, assi ho mandou, e hou-
ve entam por milhor, que emfestir
no combate, e hos Framenguos
nom menos maravillados, que re-
ceosos de tam periguos comba-
tes crendo que por minas secretas
poderiam derocar hos muros, e
mais facilmente cobrar ha Cidade,
trabalharamse de loguo has fazer
de que fossen cubertas de terra.

E passandose alguns dias neste
trabalho sem se darem apertados
combates, conforme ahos primey-
ros, hos Mouros entendendo por
tal luguar, ho outro fundamento,
que se fazia para sua destroiçam, e
entrada da Cidade, fizeram como
prudentes outras contraminas com
que atalharam o luguar onde con-
junturaram que poderiam sair hos
Christãos, e com muita triguança
de fazer fizeram outras minas muy
mais altas com devida segurança
de nom danar ho pezo da terra ahos
que ha faziam. E porque viram
que hos combates da Cidade para
se tomar à escala vista como cuy-
daram, eram muy dificultosos, e
de grande periguo, e com isto para
mais fadigua dos cerquados, nom
leyxava El Rey de mandar comba-
ter ha Cidade com todalas outras
armas, e engenhos, e artilharias
que era possivel, mas faziam pou-
quo dano, cà era loguo remediado,
e atalhado dos Mouros, e com ou-
tros engenhos, e defezas, que ha
necessidade (mestra mayor de to-
daldas coufas) em taes afrontas lhe
ensinava, e nestes combates que El-

Rey ordenava, hos Estrangeyros
que nom menos eram armados dar-
mas, que de bom esforço, nunca
mostravam final de covardes, an-
tes assi se offereciam ahos mayores
periguos como se nas mortes rece-
bessem para sempre has vidas, por-
que quando alguns delles neste au-
to morriam, em quanto sua alma es-
tà no corpo, e podia ouvir, e enten-
der ho que lhes diceessem huns cõ-
panheyros ahos outros, se diziam
palavras tam catholiquas, e de tan-
to conforto, e com tam fervente
esperança de sua certa salvaçam
que parecia hos vivos averem ahos
mortos enveja, por tam bemaven-
turadamente, e por Fée de N. Se-
nhor, e seu exalçamento hos verem
acabar, e para devidamente sepul-
tarem hos seus que no cerquo fale-
cessem, e para que às suas almas
se podessem fazer algum beneficio,
de sacrificios, fizeram de novo hũa
Egreja que hos Bispos de Coimbra,
e do Porto aly consagraram.

CAPITULO X.

*De como foy combatiãa, e toma-
da ha couraça da Cidade em
que estava ha mais seguran-
ça, e mayor repayro dos
Mouros.*

DUrando jáa ho cerquo por
tres semanas, e sendo ha vito-
ria dos cerquadores, e cerquados
muy duvidosa porque El Rey de-
terminou

treminou nom se alevantar do cerquo, sem primeyro cometer todos caminhos para cobrar ha Cidade, vendo que hos Mouros tinham para o rio huma couraça de muros muito fortes, e bem torrejada pela qual se proviaõ abastadamente sem periguo daguoas com que eram por muitas cousas, e em suas necessidades muy refrelquados, detreminou sobre Conselho, e acordo bem confirado de poer loguo suas forças em cobrar ha couraça, para ha qual concertados todos os engenhos, artelharias, e todas has outras cousas que compriam, sendo juntos todos os bésteyros, e frecheyros, e outra gente darmas escudados de mantas fortes, e amparrados cubertos de couro para combater, fizeram principalmente sobre effo huma manta de traves, e viguas muy fortes, que peguaram com ha torre que estava sobre hum grande poço de muita aguoa doce, que dentro da couraça avia tambem com tenção de ha piquarem, e sendo derribado fazerem por ahy ha entrada à couraça, e à Cidade, mas hos Mouros quando viram cousa tam aparelhada para mais breve sua perdição, acorreram aly com diligencia, e grande triguança para impedir ho efeyto da manta, que se concertava, lançaram das Ameas muita lenha, e sobre ella outros materiaes revoltos em fogo, e foy tanto, e ardente que ha manta sem algũa detença foy queymada, e feyta em póo.

E ho foguo foy tam forte, e tam junto da torre, que com ha força delle abrio ella loguo por muitas partes, em que tambem se mostrou outro verdadeyro caminho de mais certa destroçam dos contrayros, pelo qual ElRey lhe mandou loguo tirar com grandes tiros, e grossos de polvora, com que ha pouquas horas foy derrotada, e vendo ElRey aparelhada desposiçam de cobrar ha Cidade, elle com palavras doces, e promessas de grandes merces, esforçou, e animou todos para ho apressado, e nom medroso combate alarguando mais has cousas de sua nobresa ahos que melhor, e mais ousadamente naquelle feyto lhes merecessem, e ha esto nom ajudou pouquo has santas exhortações, e evidentes exemplos com aprovadas authoridades com que hos Prelados da hoste tambem esforçavam, porque concludiam que ha causa da peleyja era sóomête de Deos cujo gualardam ahos que vissem, e morressem era muito certo que neste mundo teriam honrada fama, e grande louvor, e na outra ha gloria dos Santos para sempre.

E acertouse que hum Christão dos que cavavam nas minas tinha cativo na Cidade hum filho, e com seu natural desejo de ho ver, e cobrar, dice ha ElRey, que elle queria ser ho primeyro que dos muros da couraça tirasse ha primeyra pedra, e com seu esforço que ElRey favoreceo, com promeça de grande

de merce, elle assi ho comprio cujo exemplo, e bondade loguo seguirão, com que no muro fizeraõ hum buraquo assi grande, e tambem cavado em arquo, que dentro delle sem medo dos tiros, e lanços que vinham do muro cavavam, e faziaõ sua obra como era seu proposito minando aho longuo, e apontando ho muro, e enchendo hos vazios delle com lenha, e outras cousas, com que ho fogo que lhe puzessem melhor ardesse, ho qual ha poz esto foy posto, com que em breve espaço cayo hum grande lanço de muro, que estava contra ho arrayal, sobre ha qual cousa se seguiraõ loguo muitas gritas, e outros sinaes de grandes alegrias, que hos Christãos por esso fizeraõ, dando muitas graças, e louvores ha N. Senhor por mostrar taes começos de hos querer ajudar.

E com esto mandou ElRey triquolamente trazer huma escada afaas forte, e conveniente, e ha den àquellas pessoas de que por entam confiou, que nom receariam ha lubida, mas ho muito alvoroço, e grande triguança foy assi desordenada nos que aviam de lobir, porque na dianteyra se melhorasse em honra, e merecimento como nos taes casos, e antre hos nobres homens se costuma fazer, nom seguraram ho assento da escada, como deveram, pelo qual sendo jáa chea de gente desconcertouse ho assento, e com todos cayo em terra, de que dous sómente morreram do

qual defastre, e máa prudencia começou de tirar dos corações dos Mouros alguma da muita tristeza, e desmayo que ho ardido cometimento dos Christãos lhe tinha posto, e quizeram esto testemunhar com vozes, e alaridos de grandes desprezos, e porem ahos Christãos ainda que vissem estos, que pareciam começos de infelices pronóstiquos, nom faleceo tambem ha mesma tristeza, e assi dor com que encomendandose ha Deos devotamente lhe fizeram esta breve oraçam.

Oh Deos, Santo dos Santos, Eterno, e todo Poderoso, porque em teu serviço, te aprouve de nos guardar deste tam grande, e manifesto periguo, te damos muitas graças, e porém ha tua grande Misericordia, e ha teu imenso poder de coração pedimos que assi como às vozes das trombas dos Sacerdotes, hos muros de Jèriquo por teu mãdado cayraõ, e milagrosamēte vieram todos à terra, assi nesta empresa, que toda hee tua nos queyras ajudar contra estes Mouros, que sómente temos por nossos inimigos, porque ho saõ da tua santa Fèe, de maneyra que nossas forças de tua ajuda, e graça favorecidas hos ponham em tal temor, e espanto que nom ressiſtam, nem durem mais ante nossa face.

Sobre ha qual devota oraçam hos Christãos todos como vestidos doutro mayor esforço loguo com grãde aguça concertaram ha escada, e assi ha assentaram, e puzeram ahos

traziam por pessoas de que recebiam seus conselhos, e por quem principalmente se governavam, estes eram trinta, e seis homens de boas vidas, e santa tençã que cada dia celebravam, e faziam hos Officios Divinos, a hos quaes finiquaram ho nojo, e enfadamento que recebiam em fazerem tam perlonguadamente sobre aquella Cidade com algum desejo de se levantarem.

Mas hos Sacerdotes por muitas causas danosas, e com vivas razões para isso hos reprimiram, apontandolhe ho abatimento, e deshonorã que fariam às terras, e nações donde eram naturaes, e de que vieram para outro fim seguir tal empreza leyxandoa quasi vencida, e com has mayores afrontas jáa passadas. Do qual movimento ElRey, e assim hos Portuguezes do arrayal por meyo de alguns seus, com que conversavam, foram logo avizados, e lhes pezou muito, mas ha boa, e santa amoestação dos Sacerdotes fez nos Estrangeyros tam proveytoza empreza, q̄ muy firmes na Fé, com q̄ aly vieram por huma ordenança, primeyro bem consultada se armaram todos, e como foy manhã alegres, e muy esforçados se desposeram aho combate, que déram à Cidade muy afrontado, e com verdadeyro desejo de averem vitoria.

Porém depois daquella presunçã que dixeram, sempre nos Portuguezes ouve bom avizo, para

de continuo trazerem ante elles pessoas fieis, que hos entendiam, por receo, e sospeyta que se delles tomou de alguns serem pelos Mouros corruos, e que por soma de dinheiro, ou por alguma outra cousa de seu interesse dariam, ou leyxariam tomar agoa que pela privaçã da couraça, estavam jáa em necessidade mortal, e estando ho cerco neste estado, porque hos Mouros eram muy falecidos de muitas cousas, que para defençã, e mantimento eram muy necessarias, e assi desesperados de socorro em todo, jáa cada hum desejava, e procurava sua particular salvaçã, pelo qual hum Mouro da Cidade escondidamente veyo ha ElRey, e lhe trouxe furtados dous Pendoens de pessoas conhecidas, e principaes de dentro, pedindo com elles ha vida com que ElRey muito folgou, e ouve logo por bom final, apoz este vieram outros dous Mouros, que ElRey recebeu beninamente, hos quaes certifiqaram ha incomparavel cede, que hos de dentro padeciam, e hos muitos que por isso morriam, de que hos Framenguos principalmente mostraraõ ser muito alegres, e em sua linguoagem compunham cantigas, e has andavam cantando pelo arrayal, cujo conselho era que leyxassem ha todos Mouros morrer de cede aly dentro, e nom fossem ha partido de vida recebidos, em cazo que ho cometessem, ou que logo, pois estavam em tanta desesperaçã, e fraqueza

queza, hos combateffem, e do combate nom desistiffem atée que ha Cidade fosse entrada, e cobrada por força.

E fendo jáa mez, e meyo passado, que ElRey jafia sobre ha Cidade de Sylves, alguns principaes do Reyno tambem se anojavam, e murmuravam antre sy, agastados pelo delonguado cerquo, e assi por nom verem aparelho, que huma Cidade tam forte, e tambem murada se ouvesse assi em breve de tomar por combate, deesperando por effo da esperança que tinham tam bem começada, concluindo alguns que seria bem, e proveyto delRey, e do Reyno leyxar o cerquo, e partirse delle, da qual cousa de que hos Framenguos loguo foram avizados por ventura com desejos de roubar, ou mais certo por tal Cidade nom fiquar em poder de infieis mostraram receber muito nojo, e grande sentimento com que se foram ha ElRey pedindolhe, que se lembrasse de como hos delviara do caminho, e preposito com que de suas terras partiram, e assi ho concerto em que com elles fiquara, e quizesse concirar no muito tempo que naquelle cerquo estiveram, e ho pouquo que tinham feyto, e que pois ha empreza, e ha honra eram ambas suas, que seria vergonha ha tal Rey leyxalas, mas que por combates mais aturados, em que elles inteiramente ajudariam cobrase ha Cidade, e lem effo nom quizesse, nem consentisse, que della

le partiffem.

Ahos quaes ElRey brevemente respondeo dizendo: *Amiguos vós deveis ser em cravo conhecimento, que como eu party de meu Reyno, e leyxey minhas terras para vir ha terra de inimigos em que estamos, vindo com tanta custa, e trabalho meu, e de meus vassallos, que nom foy por vos enganar com minha perda, no concerto que com vos quo fiz, ho qual eu sam muy contente de se comprir, porque se este feyto se nom acabou como vós, e todos dezejamos Deos Jabe que nom he, nem foy nunca por minha culpa, nem dos meus naturaes, mas porque se mais nom pode fazer, como creyo, que por obras ho tereis bem visto, porque nas cousas da guerra sam huns hos prepositos, e hos fins delles sam ás vezes outros, e por effo nom vos anojeis, ca se me vós nom falecerdes com has vossas pessoas, sede certos que eu vos nom falecerey com ha minha verdade, e assi por minha fêe real volo torno ha prometer, e segurar.*

Com estas palavras de real segurança que hos Cavalleyros principaes, e Sacerdotes da frota ha ElRey ouviram, fiquaram muy ledos, e muy esforçados para loguo combaterem, e cobrarem ha Cidade mais do que nunca estiveram, louvãdo muito ha bondade, e esforço, e constancia delRey, e por tanto entre elles foy loguo concordado que no cerquo estiveffem atée certo tempo limitado, e que nelle pozessem suas forças, e deligencia

para se cobrar ha Cidade, e que se acabado ho dito tempo se nom cobrasse, fiquasse em liberdade ha huns, e ha outros sem quebras de suas verdades, se podessẽ partir, e avido sobre eslo gèral Conselho, acordaram por menos custo do exercito, que hos enfermos, molheres, e Religiosos fossẽ, como foram, loguo levados com boa segurança fóra do arrayal, e hos Mouros quando hos viraõ partir, porque faziam grande soma de gente cuydaram segundo depois affirmaram, que ho arrayal, e cerquo se queria de todo alevantar, mas como ho loguo viram assentar, e fortalecer muito mais do que era, affirmaram que ha partida de tantos Christãos nom era para yrem, como cuydavam, mas trazerem muito mais, e por seu mayor mal jazerem muito mais tempo sobre elles, e neste tempo por has necessidades de muitas cousas, e daguoa principalmente eram hos cerquados em tanto extremo, que muitos com cede andando morriam, e ha outros com temor da morte tam certa aborrecia jáa de viver, e tantos eram hos corpos dos mortos, e ha fraqueza tanta nos vivos, que hos nom podiam jáa soterrar, nem lançar fóra das casas, especialmente pelo incomportavel fodor delles, de que ha Cidade era toda contaminada, e com estes grandes padecimentos, que hos Mouros sofriam, receando que cada dia sem confiança de algum remedio, e socorro

que nom tinham, receberiam outros mayores, desesperando de se mais poder ter, detreminaram em tamanhos males, como se lhes offerciam, que eram morrer, e perder ho que tinham, escolher ho menor, que era perder has fazendas, e por melhor (se fosse possivel) segurarem has vidas aquelles ha que ha ventura quizera leyxar vivos.

E por estas mortaes necessidades de que jáa todos eram sabedores, e constangidos, sayo ho Alcayde acompanhado de dous Mouros hos mais principaes da Cidade, e sem algum precedente trato, nem seguro se vieram ha ElRey, dizendo com rostos tristes, e palavras para humanidade assaas miseraveis, que vinham para lhe dar ha Cidade de se sua grandeza, e piedade ahos de dentro désse has vidas, com todas has cousas suas que comsiguo tinham.

ElRey alegre com tal embayxada loguo em sua vontade consentio no partido, mas comprio com hos Estrangeyros ho que por seus concertos era obriguado de nom fazer sem elles alguma preytesia, nem concerto com hos Mouros, hos mãdou chamar hos quaes depois de ouvirem por ElRey ha preposiçaõ, e partido, que lhe era cometido, responderam com opiniões de barbara Féẽ, ou com tençam de pura cobiça, que nom eram contentes, nem ho aprovavam, mas sóamente queriam propostos todos hos inconvenientes, e periguos q̄ podiam sobrevir,

sobrevir, que hos infiéis todos mor-
ressem sem algum para cativeyro
ficar reservado, mas ElRey por sua
umanidade vencido jáa da miseria
dos Mouros, elle com suas pala-
vras brandas tanto insistio com
hos Framenguos, que finalmente
consentiram que has vidas se des-
sem ahos Mouros, e que elles de
suas fazendas, e cousas nom tira-
sem, nem levasssem, salvo has mais
vis-roupas, em que laysssem vesti-
dos, e assi se fez, pelo qual hos Es-
trangeyros da frota, das riquezas,
e fazendas dos Mouros, que foram
achadas tomaram, e levaram ho
que quizeram, com que alegres, e
muito contentes delRey, e do feyto
tam prospero, se tornaram para suas
terras, e ha ElRey ficou ha Cida-
de de Sylves livre, em q loguo man-
dou fazer Egreja Cathedral, e dedi-
cala aho culto Divino, que loguo
se nella celebrou, ho que foy na era
de N. Senhor de mil cento noventa
e nove annos, hum anno despois
que ha Rainha Dona Doce mulher
delRey D. Sancho faleceo.

1199.

CAPITULO XII

*De huma entrada que hum D.
Pedro Fernandes de Castro dito
ho Castellaõ, sendo lançado com
hos Mouros fez em Portu-
gual, e de como foy prezõ,
e hos Mouros com que
entrou desbaratados.*

N Este anno em que ha Cidade
de Sylves, foy ahos Mouros
tomada como se dice, Reynava em
Castella ElRey D. Affonso deste
nome ho Noveno, e filho delRey
D. Sancho, que diceram ho deseja-
do, ho qual Rey D. Affonso por
peccados seus, segundo diceram, e
por maa providencia, foy vencido
dos Mouros na memorada, e dolo-
rosa batalha Delharquos, no anno
que jáa passara de N. Senhor de
mil cento e noventa, e sinquo sendo
ElRey delles Abualmohadim ter-
ceyro Miramolim de Marroquos;
dahy ha dezaete annos loguo se-
guintes, ho mesmo Rey D. Affonso
tornou ha vencer Abemahomad-
mohady ho quarto Miramolim, fi-
lho do sobredito Abualmohadim,
na gloriosa batalha, que se diz das
Navas de Toloza, como atras jáa
fica apontado, e do tempo desta
batalha Delharquos em que hos
Mouros venceram atée ha outra
das Navas de Toloza, que foram
vencidos hos Mouros assi Dafrica,
como Despanha, em que tinham
grande parte, eram na mesma Es-
panha em grande numero, e favo-
recidos, e ouzados com ho favor da
primeyra vitoria se soltaram com
muita ouzadia pelas terras dos
Christãos de que na Espanha gua-
nharam muitas.

1195.

E neste anno em que ha Cida-
de de Sylves foy tomada ahos
Mouros com ajuda, e por indus-
tria de D. Pedro Fernandes de Cas-
tro chamado ho Castellaõ, vassallo
del-

del Rey D. Affonso o Noveno de Castella, sendo elle desfavorecido, e mal tratado por causa dos Condes de Lara, elle bem acompanhado de Cavalleyros Christãos se lançou com hos Mouros, e com elles como inimigos da Casa de Lara, donde Dona Mofalda primeyra Rainha de Portugal procedia, entrou em Portugal antre Tejo, e Odianna, e chegou ha Thomar, e ha Abrantes, de que tinha, e levava cativos muitos Christãos, com grande despojo, e fez muito mal pela terra, e aho recolher que quizera fazer, hum Martim Lopes bom Cavalleyro Portuguez, com pouqua gente de cavallo, e com alguma mais de pé, que comfiguo ajantou, lhe sahio aho encontro, e pelejou com alguns delles em que ya ho dito D. Pedro Fernandes, e hos desbaratou, e lhes tomou hos Christãos cativos, e tirou todo ho que mais levava, e prendeo ho dito Pedro Fernandes, que depois delle livre, e enviado ha Castella, foy retornado a hos Mouros, sendo jáa em Castella cazado com Dona Maria Sanches, filha do Infante D. Sancho, aquelle que do Urffo foy morto em Canameyro de que tinha filhos, ha saber D. Alvaro Pires de Castro, que primeyro cazou com Dona Mecia Lopes, que depois foy molher del Rey D. Sancho Capello, e Dona Olaya Pires, que cazou com D. Martim Sanches filho del Rey D. Sancho. E este desbarate foy no mez de Março, nas

Oytavas de Pentecoste do anno 1199. bredito.

CAPITULO XIII.

Das causas, e imizades antre hos de Castro, e de Lara, por cuja causa este D. Pedro Fernandes de Castro entrou em Portugal em tempo del Rey D. Sancho, q̃ era neto do Cõde D. Anrique de Lara, filho de Dona Mofalda molher del Rey D. Affonso Anriques, sua filha.

PAra se tomar algum conhecimento das causas da imizade, que ouve antre hos de Castro, e de Lara dos Reynos de Castella, e de Liam, e por este respeyto has teve D. Pedro com Portugal, e brevemente soube, que por morte del Rey D. Sancho deste nome ho terceyro de Castella, ha que diceram ho desejado, fiquou menino D. Affonso erdeyro, deste nome ho Noveno, em idade de quatro annos, cuja guarda, e criaçam El Rey seu padre leyxou encomendada ha Guoterre Fernandes de Castro, Cavalleyro muito honrado, e principal em Castella, que era de grande bondade, e bom Cavalleyro, e de saber cham, e simpres, no qual tempo Reynava no Reyno de Liam, El Rey D. Fernando, irmão do dito Rey D. Sancho, e tio deste menino

menino Rey de Castella, ho qual Rey D. Fernando por loguo nomter resistencia, nem contradicãõ dos Castelhanos, tomou ha seu sobrinho muitos Luguares de Castella, e sobre effo alguns dizem que ou lhe queria tomar ho Reyno, e fazerse Rey de Castella, ou aho menos ho meter sob sua obediencia, e neste tempo eram em Castella Senhores mais principaes hos Condes D. Manrique de Lara, e D. Affonso de Lara irmãos, filhos do Conde D. Pedro de Lara, e de Dona Heva filha do Conde D. Pedro Fernandes de Trava, hos quaes Condes de Lara com ajuda de D. Garcia Garces seu padraſto, que depois cazou com ha dita Dona Heva sua mãy delles; porque era Cavalleyro, de grande Caza, e de alto sangue, com rezões, que entam pareciam convenientes, e com grandes promessas, que offeteceraõ aho dito D. Guoterre Fernandes fizeram que entreguasse, como entregou ElRey D. Affonso menino aho Conde D. Manrique de Lara, ho qual cõ hos de sua valia, trazendo ElRey em seu poder se diz, que excediam, e nom guardavam ha guovernança do Reyno como deviam, e crendo ho dito D. Guoterre, que fizera grande erro em tirar ElRey de seu poder requereo a hos Condes de Lara, q̄ lho tornassem, ho que nom quizeram fazer, sobre ho que antre elles, e suas valias ouve grandes pelejas, e muitas mortes, e danos em Castella, e de que fi-

quou grande imizade antre hos de Lara, e hos de Castro com quanto eram muito parentes, e em tantos bolijos, e movimentos, foy ElRey por sua segurança levado pelos Condes de Lara, e D. Garcia Garces à Cidade de Soria, hos quaes por terem ElRey D. Affonso em seu poder, foram por ElRey D. Fernando de Liam, tam perseguidos, que nom podendo elles jáa mais resistir lhes conveyo prometerlhes por juramento, e menagem, para elle ho ter, e criar.

Sobre ho qual comprimento, e entrega que se avia de fazer, ElRey D. Fernando foy a dita Cidade de Soria onde loguo ante elle foy trazido, ElRey D. Affonso, e porque nas mãos do tio, que ho afaguava começou ho menino de chorar, ho Conde D. Manrique era presente por dar singular exemplo de sua bondade, e louvada lealdade pubriquamente, e sem mostrança de algum temor, dice ha ElRey D. Fernando.

Senhor este menino nosso Senhor, deseja mamar, e nom servir, e queria mais has tetas de sua ama, que hos afaguos do tio, e estaria milhor no seu berço, que no Paço alheo, e quer mais leyte, q̄ sangue. O Rey D. Fernando, hoje parece, que quereis fazer, ho que natureza nom consente, cobicais que este, que ainda nom sabe falar, loguo ante vós forme palavras de menagem, com que livre se obri-gue, e desejais que vos sirva, quem ainda nom começou de viver, e finalmente

*mente quereis, que vós seja vassallo, quem de rezaõ, e direyto devia ser Senhor, e pois he isto por vossa vontade, e muito contra ho que em todo deveis, sabey que obedecemos aho tempo, e nom a rezaõ, e honestidade, mas porque este menino torne ha vos ver mais alegre, e nom chorando leyxayo com vosso prazer, e no lugar ha elle conveniente vaa receber criaçam de sua ama, e loguo torna-
ra.*

Mas loguo hum bom Cavalleyro chamado Pedro Melcondes, por mandado dos Condes, e secretamente ho tomou debayxo da capa, e em cima de hum cavallo ha gram pressa ho levou ha Santo Estevam de Guorivaz. Da qual couza sendo certo ElRey D. Fernando mostrou receber por effo grande sentimento, e foy em palavras, que dice muy irado contra hos Condes, hos quais por salvaçam de suas honras, e vidas affirmaram que ha tal mudança delRey D. Affonso fora sem sua sabedoria, mas que loguo yrriam por elle, e lho apresentariam, e ho Conde D. Nuno se foy loguo diante, e tirou ElRey de Santo Estevão, e ho levou à Fortaleza da Tença cà bem lhe parecia, que nom errava contra sua menagem, q̄ déra força da salvando seu Senhor em tal caso de morte, ou servidam, sobre ho qual, ElRey D. Fernando mandou retoar, e dezafiar aho dito Conde D. Nuno por tredor, que sem retardança por sua limpeza veo ante elle, e posto seu caso em Conselho

de juizo de Cavalleyros da Corte delRey D. Fernando acharam que nom fizera feyto feyo, nem tinha errado, antes merecia por effo louvor, e bom gualardam, e dahy seolveo loguo ElRey D. Fernando ha seu Reyno de Liam.

E neste tempo ho dito Guoterre Fernandes, que primeiramente fora dado por amo delRey, por sua guarda era jáa falecido, de que ficaram muito honrados sobrinhos e grandes homens en Castella, ha que leyxou suas terras, e erança, que tinha, por nom teer filhos, e antre estos sobrinhos, hum era D. Fernão Rodrigues de Castro filho do Conde D. Rodrigo Fernandes, que diceram ho Calvo, irnam do dito D. Guoterre Fernandes, pelo qual hos Condes de Lara tendo ElRey em seu poder, pediram em seu nome ha D. Fernão Rodrigues de Castro ha Villa de Huete para ElRey, e nom lha quiz dar por ElRey ainda nom aver quinze annos de sua idade atée hos quaes ElRey D. Sancho seu pay mandara que se lhe nom entregualsem Fortalezas, nem dessem menagens aquelles, que has tinham ha ElRey D. Sancho feytas, sobre ha qual deneguaçam ho Conde D. Manrique dezafiou por desleal, ha D. Fernão Rodrigues, e aceytou ho dezafio, e com suas valias, que ambos ajuntaram, ouveram crua peleja, na qual D. Fernão Rodrigues matou D. Manrique, e prendeo seu irmaõ ho Conde D. Nuno
de

de Lara, que despois diceram ho bom, e ha este D. Nuno soltou loquo sobre sua fée, e menagem Fernão Rodrigues, para que tanto, que enterrasse ho corpo, do Conde D. Manrique seu irmão, se tornar à sua prizaõ, naqual tornada D. Nuno uzou de cautela, porque por nom acudir à fée, que dera, poz ho Ataude, e ho corpo do irmão sobre ha mais alta torre de hum seu Castello, e nella longuo tempo sem sepultura ho leyxou estar, e passados despois alguns tempos, hos ditos D. Fernão Rodrigues, e ho Conde D. Nuno ouveraõ outra batalha aprazada, em que de huma parte, e da outra, eraõ grandes homens de Castella, e de Liaõ, e nesta tambem D. Fernão Rodrigues tornou a prender ho Conde D. Nuno, e matou a ho Conde D. Soeyro, seu sogro delle dito Fernão Rodrigues, porque fora em ajuda do dito D. Nuno, e tornou ha soltar D. Nuno sobre sua fée, para que tanto, que enterrasse D. Soeyro seu sogro, se tornasse à prizaõ, mas ho Conde D. Nuno uzando tambem de cautela, para nom ser prezo, aho dia certo em que era obriguado vir, veu, e apresentou se com muita gente darmas ha D. Fernão Rodrigues, que estava desacompanhado em Duenhas apar de Palencia, e lhe requereo, que pois se apresentava ante elle, como prometera que ho prendesse, e quando nom, que protestava, que tinha comprido sua fée, e disto ho Conde D. Nuno tomou

estromentos com que se partio, e D. Fernão Rodrigues, porque D. Soeyro seu sogro fora nesta batalha contra elle, se quitou de sua filha, com que era cazado, e cazou com Dona Estevaninha, filha bastarda do Emperador Despanha D. Affonso, de que ouve este D. Pedro Fernandes de Castro, que entrou em Portugual, aho qual diceram ho Castellaõ.

El Rey D. Affonso de Castella, despois de reger por si seu Reyno, ha requerimento, e por favor dos de Lara, ha que era muito afeyçoado, tomou ha terra ha D. Fernão Rodrigues de Castro, e ho desterrou, e elle se foy para hos Mouros, e despois pelos grandes danos, e muitos males q̄ por seu desterro, se seguiram ha Castella, foy por aderencias retornado aho Reyno, e reconciliado com El Rey, e despois da morte de D. Fernão Rodrigues de Castro, ficou seu filho, e erdeyro de sua caza, e terras este D. Pedro Fernandes de Castro, ha que El Rey D. Affonso de Castella quiz grande mal, pelo qual se desterrou, e lançou com Mirabolim de Marroquos, e foy com elle na batalha Delharquos, em que este Rey D. Affonso foy vencido, e despois cõ sua gente entrou em Portugual como atraz fica dito. E cõ este D. Pedro Fernandes passãram de Sevilha, que era de Mouros, em Marroquos hos sinquo Frades martirizados, ho qual sendo em serviço, e companhia do Infante D. Pedro

dro filho deste Rey D. Sancho, que tambẽ estava em Marroquos, e ho dia do Martyrio dos ditos Frades, foy morto dos Mouros porque ho acharam de noyte vizitar os corpos mortos dos ditos Martires, e com elle mataram alli tambem Martim Affonso Tello, sobrinho do Infante D. Pedro, filho de sua irmãa Dona Thareja Sanches, cazada com Affonso Telles ho Velho, que povo-rou Albuquerque.

CAPITULO XIV.

Como ElRey Jacobaboym C,afim Mirabolim de Marroquos com grande poder de gente de Reys Mouros entrou em Portugal.

A Traz fiqua jáa apõtado como em vida delRey D. Affonso Anriques, hum Mirabolim de Marroquos com outros Reys, e grande poder de Mouros, cerquaram ha Villa de Santarem, ElRey D. Sancho feu filho, sendo Infante, e como elle com ajuda, e loccorro, e favor delRey seu padre, se descerquou com grande estraguo dos infieis cõ ha morte do mesmo Mirabolim, e avendo jáa dezaseis annos, que este destroço de Santarem passara, sendo ho anno de N. Senhor de mil cento e noventa e nove, hum Jacobaboym C,afim Mirabolim de Marroquos, Rey muy poderoso, que descendia daquelle que mata-

ram nõ descerquou de Santarem, por vinguar sua morte, e porque ha entrada que D. Pedro Fernandes fizera em Portugal non succedera na vingança como quizera, ajuntou loguo ha seu poder outros Reys Mouros Dafrica cõ infindas gentes de delvayradas nações, e assi da Despanha, que vieram em sua companhia, e ainda ElRey de Sevilha, que era seu irmaõ, e ElRey de Cordova com todos seus poderes, e valias, que faziam numero de inimigos sem conto, e acordaram entrar no Reyno de Portugal, por tres partes, ha saber, ElRey de Sevilha entrou pelo Alguarve, onde despois de correr ha terra, poz cerco a Cidade de Sylves, que entam fora ahos Mouros tomada, como acima he dito, ElRey de Marroquos entrou por Riba Dodiana, e passou ho Tejo pelo mez do S. Joã deste anno, e despois de fazer muitos danos, e roubos pelo Reyno, foy cerquar ho Castello da Villa de Torres Novas, que jáa estava teyto, e repayrado da primeyra vez que foy tomado, e teyxado dos Mouros, ho qual Castello aquelles que ho guardavam com medo das cruezas de que hos imiguos ufavam lho entreguaram com legu- rança das vidas, que por partido sóamente salvaram.

ElRey de Cordova entrou tambem por Alentejo, e chegou a Cidade de Evora, ha que talhou vinhas, e olivæes, e arvores, e assi danou, e queymou hos pães, q achou

1199.

1199

nos

nos agros, que ainda nom eram neste tempo recolhidos, ho qual dano assi continuou em todos hos Luguares porque passou, e fazendo todos estes males em todas as cousas dos Christãos que se lhe offereciam, e elle podia, se foy ajuntar com El Rey de Marroquos, que tinha assenta do ho corpo de seu arrayal junto do Tejo, e estando em Torres Novas adoeceo de grande mal do ventre porque triguosamente se loguo partio, e fez seu caminho por has Villas de Thomar, e Dabrançes, com proposito de has tomar, mas por bem defendidas dos Christãos has nom tomou, e apresado de sua doença, elle, e El Rey de Cordova leyxaram ha empreza, e se tornaram para Sevilha, e esta deve ser ha grande entrada de gente de cavallo, e de pée dos Mouros sem conto, de que o letreyro de pedra que está na porta do Convento de Thomar faz memoria. E desta partida de Mirabolim, sendo certificado El Rey de Sevilha seu irmão que guerreava ho Algarve, e tinha cerquado ha Cidade de Sylves, e sabendo has grandes perdas, e mortes, q̄ em suas gentes tinham no Reyno de Portugal recebidas, se levantou do cerquo, e se foy para elles, e nom se acha q̄ ha Cidade durando ho cerquo fizesse muito dano, mas que elle em si, e nos seus ho recebo dos Cavalleyros, e fieis Christãos, porque ha mesma Cidade foy despois cerquada, e tomada dos Mouros em tempo del-

Rey D. Affonso, filho deste Rey D. Sancho, quando Alcacere do Sal foy tambem delles tomado, mas como estes Luguares se despois cobraram dos imiguos, e em que tempo, ahó diante nas Coronicas dos Reys ha que toquar inteiramente se dirá.

El Rey D. Sancho porque tantos, e tam grandes Reys Mouros fizeram suas entradas por tantas partes de seu Reyno, foy neste tempo posto em grande cuydado, e afronta, mas com seu coração esforçado, e nom vencido, e com ha muita prudencia, que com elle naceo, concirando que dar batalha com sua gente ha tantos Reys, nom seria em tal tempo feyto de louvada fortaleza, antes parecia caso de desesperação, que has mais das vezes he periguoza, veyo ha Santarem, e ha Lisboa onde repartia has gentes, e armas, e soccorria hos Luguares ha que entendia serem mais necessarios, e punha esperança de seu remedio, e soccorro na bondade de Deos, e sua misericordia principalmente, e assi na dilacão do tempo, que lançaria como lançou a hos Mouros fóra de sua terra, e neste tempo faleceo El Rey D. Fernando de Liam, genro del Rey D. Affonso Antiques cazado cõ Dona Urraqa, sua filha, de que se apartou, e de que ouve seu filho D. Affonso, que apoz elle Reynou em Liam, com ho qual este Rey D. Sancho seu tio cazou sua filha Dona Thareja, como loguo direy,

e esta Dona Urraqua jáas sepulta-
da na Egreja mayor de Liam.

CAPITULO XV.

*Do casamento del Rey D. San-
cho, e dos filhos, e filhas que
teve assi legitimos como
bastardos.*

Como quer que à conta do ca-
zamento del Rey D. Sancho
com ha Rainha Dona Doce sua
molher devera preceder muitas
cousas que atraz escrevy, porém
por continuat loguo aho cazamen-
to do pay, e da mãy ha memoria de
seus filhos, e filhas, e por assi jun-
tamente milhor se poder compren-
der ho leyxey para este Capitulo,
em q̄ direy ho q̄ de cada hũ achey,
e pude saber. El Rey D. Sancho sen-
do Ifante em vida del Rey D. Af-
fonso seu Padre, e ante de sua mor-
te quatro annos, cazou com ha
Rainha Dona Doce, filha de D.
Reymam Berenguario Conde de
Barcelona, e ho primeyro ha que
ho Reyno Daraguam com ho di-
to Condado primeyramente se a-
juntou, ho que foy nesta maneyra.
El Rey D. Affonso deste nome ho
primeyro, e dos Reys Daraguam
ho quarto, filho del Rey D. Sancho
deste nome ho primeyro, e dos
Reys Daraguam ho oytavo, foy
levantado por Rey Daraguam por
morte del Rey D. Pedro seu irmão
que faleceo sem legitimo erdeyro,

e este D. Affonso, he ho que cazou
com ha Rainha Dona Urraqua
viuva, filha legitima del Rey D. Af-
fonso VI. de Castella, chamado
Emperador, ha qual fora primey-
ramente cazada com D. Reymam
Conde de Tolosa de que ouve fi-
lho legitimo D. Affonso, criado
em Liam, que despois foy oytavo
Rey D. Affonso, e Emperador
D Espanha, aquelle, que fez ha se-
gunda repartiçam antre hos filhos
do Reyno de Castella, e de Liam,
e desta Dona Urraqua filha, nem
doutra molher legitima, este Rey
D. Affonso Daraguam, e settimo
Rey D. Affonso de Castella nom
ouve filho, nem filha, nem avia ou-
tro algum legitimo erdeyro, Dara-
guam salvo D. Ramilo seu irmão
legitimo, que era de Ordens de
Missa, e Monge professo no Moel-
teyro de São Fagundo da Ordem
de São Bento, ho qual D. Ramilo
Monge por despenaçam, e por au-
thoridade Apostoliqua por neces-
sidade de Rey legitimo, e de natu-
ral sobcessor, sobre que ouve dan-
tes grandes differenças, e algumas
inclinações, finalmente foy tirado
da Religiaõ, e cazado com hũa ir-
mãa do Conde de Protes em Fran-
ça, e della ouve loguo huma filha
chamada loguo Dona Perona, e
despois mudou ho nome, e cha-
mou se Dona Urraqua, ha qual em
vida del Rey D. Ramilo seu pay foy
cazada com ho dito D. Reymam
Berenguario, izento Conde de Bar-
celona, que por morte del Rey D.

Ramilo

Ramilo seu sogro, deste nome ho primeyro, Rey Daraguam ho setimo, e desta Dona Urraqua como ElRey D. Reymam ouve filhos, logo ElRey D. Ramilo Monge se tornou aho Moesteyro, e leyxou ho Reyno Daraguam ha seu genro, ho qual ouve da Rainha Dona Urraqua estes filhos, ha saber, D. Affonso segundo deste nome, que apoz elle Reynou em Araguam, e Barcelona, e D. Sancho, que foy Conde de Rosselhon, e Serdenha, e assi esta Rainha Dona Doce, que cazou com ElRey D. Sancho de Portugal, e desta Rainha elle ouve nove filhos, e filhas legitimos, e à ora de sua morte eram todos vivos, e ahos filhos barões, e aho erdeyro tambem sendo cazado chamou em seu testamento Ifantes, e assi ha todas as filhas legitimas chamou Rainhas, em cazo que em tam ho nom eram, nem fossem despois, dos quaes loguo aqui farey breve memoria, posto que alguns feytos, e coulas que delles dice, socedeffem em outros tempos, e em vidas doutros Reys, ho que tambem nom fi quara por toquar.

Do Ifante D. Affonso filho erdeyro.

ElRey D. Sancho dos filhos barões que teve, ouve primeyramente D. Affonso primogenito, e erdeyro que loguo apoz elle soccedeo, e Reynou, ho qual naceo dia de S. Jorge, vinte e dous dias Da-

1185.

cento oytenta e sinquo, de cujos feytos, e vida aho diante em sua Coronica propria darey largua conta.

Do Ifante D. Fernando.

E assi ouve ho Ifante D. Fernando, que naceo na era de N. Senhor de mil e cento e oytenta e seis annos, aho qual ElRey D. Sancho seu pay leyxou em seu testamento solene q̄ fez, dez mil maravedis deouro de sessenta maravedis em marquo douro, ho qual por ha real geraçam de que decendia, e assi por suas singulares virtudes segundo ho que brevemente se acha, foy cazado com huma Condeça de Frandes, e foy em tempo delRey D. Philaõ de França, ho que diceram Augusto avoo delRey D. Luis de França, contra quem este Conde D. Fernando, sendo entam debayxo de sua obediencia se alevantou, e sendo aliado com outro Emperador dos Alemães, e assi com ElRey D. Joham de Inglaterra, e com outros senhores daquellas partes lhe fez ha guerra segundo has Coronicas de França ho testimunhaõ, foy estimado, por estimado Cavalleyro, e singular Capitam, e ha causa de sua yda em França, e em Frandes, segundo ho mais que se pode saber, foraõ respeytos, e esperanças da Cõdeça de Frandes Dona Thareja sua tia, irmãa delRey D. Sancho seu pay, filha delRey D. Affonso Anriques, cazada com D.

Felippe

Felippe Conde de Frandes, de que nom ficou filho baram erdeyro, e vaguando ho Condado, ficou para sobcessam delle femea, que com D. Fernando este acima dito cazou, e achase que em huma batalha, que com hos seus aliados ouve contra ho dito Rey de França, elle dito Conde foy prezo com Reynaldo Conde de Belonha, e com outros Condes, e muito nobres homens de Inglaterra, e Dalemanha, e jouve tres annos prezo em ha torre fóra dos muros de Pariz, que se diz Anobres, ou Lupara, e ha cauza que ho moveo ha ser contra El Rey de França, foy por lhe nom dar duas Villas, ha saber, Arua, e Santo Andomato, que eram do Condado de Frandes, e El Rey lhas tinha forçadas, e depois este Conde ha requerimento da Condeffa sua molher por intercessam da Rainha Dona Branca de França sua tia, que cazou com El Rey D. Luis, filho deste Rey D. Felippe, foy solto por grande soma douro, e de prata, que por sy, e alguns seus deus, ho qual despois de ser solto, por bolços, e outros movimentos, que contra El Rey de França outra vez commetteo foy morto, e nom se sabe geraçõ que delle ficouasse.

Do Ifante D. Pedro.

El Rey D. Sancho ouve mais da Rainha sua molher ho Ifante D. Pedro, q̄ segundo algũas breves lembranças das cousas de Portugal,

naceo ha vinte e novè dias de Março da era de N. Senhor de mil cêto e oytenta e sete annos, aho qual El Rey seu pay leyxou tambem em seu testamento outros dez mil maravedis douro, ho qual foy cazado com huma filha do Conde de Urgel em Barcelona, de que nom ficouon geraçam, que aguora se sayba, e conquistou sendo cazado has Ilhas de Malhorqua, e Minorqua, que eram de Mouros, que despois por Christãos lhe foram contra rezam tomadas, pelo qual alguns dizem, que por aggravos, e sem rezões, e poucas ajudas, que sobre essto recebeu dos Reys Despanha, com que por devidos era liado tendo nada de terras em Portugal, se foy para Mahomad Mirabolim, que entam era Rey de Marroquos, aquelle que junto com Uveda foy vencido na batalha das Navas de Toloza, que era filho doutro Mirabolim, que venceu ha batalha Delharquos, como jáa dice, e outros dizem, ho que mais he de creer que se foy com desejos de veer terras diversas, e atentar sua ventura, e veer aquellas principalmente em que compria melhor se enformar das cousas, que compriaõ para guerra dos Mouros Despanha, e de França, que daquelles tempos de huma parte, e da outra muito se exercitavam

Pelo qual nas guerras, e deferenças, que este Mirabolim tinha com hos Reys Mouros seus vezinhos, despois de ser retornado em suas

suas terras de França este Ifante D. Pedro com muita, e nobre gente Despanha, que com elle passou trabalhou assibem, e com tantos periguos de sua pessoa, e com tantas experiencias de sua bondade, que de Mirabolim, e de todas as gentes de seu senhoria foy sempre muy estimado, e honrado, donde passados alguns annos elle por hũa permiffam de Deos avendo idade de trinta annos retornou ha este Reyno de Portugal, despois da morte del Rey D. Sancho seu padre, e em vida del Rey D. Affonso seu irmam, que Reynava com ha Rainha Dona Urraqua sua molher quando trouxe hos ossos dos cinco Frades Menores, que em seu tempo, e caza, em sua presença foram do mesmo Mirabolim em Marroquos martirizados, de q̄ na Coronica do dito Rey D. Affonso seu irmaõ, em que propriamente convem, farey aho diante mais largua mençam.

Do Ifante D. Anrique.

E assi ouve ho dito Rey D. Sancho da Rainha sua molher ho Ifante D. Anrique, que naceo no anno de Nosso Senhor de mil cento, e oytenta e nove, ho qual moço, e sem cazar em vida del Rey seu padre faleceo, e jaz em Santa Cruz de Coimbra.

Da Rainha Dona Thareja filha deste Rey D. Sancho.

E ouve mais este Rey D. Sancho

da Rainha Dona Doce sua molher ha Rainha Dona Thareja, que em vida del Rey seu padre cazou com El Rey D. Affonso de Liam, e foy delle pela Igreja apartada por ambos serem primos com irmaõs, porque ha Rainha Dona Urraqua mãy del Rey D. Affonso era irmaã del Rey D. Sancho, filhos del Rey D. Affonso Anriques, e ha cauza porque este casamento entam se fez, e despois se desfez, toquarey aqui brevemente.

Hos Reys de Portugal, e de Liam nos tempos que com seus Reynos, e terras, foram apartados, e izentos del Rey, e do Reyno de Castella, sempre procuraram de huns com hos outros se liar, e confederar por pazes, e cazamentos, por tal que ambos juntamente concordes tivessem mais forças, e mayor poder contra El Rey de Castella, porque hos nom obriguasse, nem constrangesse, como jãa por força, e em outros tempos, constrangera El Rey de Navarra, e El Rey Daraguam, que nas cousas da guerra, e da paz, como Vassallos ho serviram, e lhe obedeceram, porque na segunda partiçam de Castella, e de Liam, que ho dito Rey D. Affonso VIII. e Emperador fez antre dous seus filhos, que teve, e leyxou ho Reyno de Castella ha D. Sancho filho mayor, e ho Reyno de Liam, e de Gualiza, com ho que fora por Castella guanhado em Portugal, e segundo opiniam de muytos, esto fez El Rey de Castella D. Affonso por

por concelho de D. Manrique, e de D. Nuno seu irmao, Condes de Lara, que por serem pessoas muito principaes tinham muita parte em seu Concelho, e guovernacam do Reyno porque segundo se diz, dezejavam para mais seu acrescemento, que nos Reynos ouvesse sempre necessidades de guerras, e nenhum descanço de paz, na qual partiçam ElRey D. Affonso Anriques, que entam era, e foy ho primeyro Rey de Portugual, por roturas, e guerras antre ambos jáa passadas, e porque elle ho vencera, e ferira na batalha de Valdevez em Portugual, nom ficou de seu Reyno tam seguro, que nom receasse hos cerquos, e cometimentos da guerra em que se jáa vira em Guimarães, e de que com sua honra, e vitoria, se livrou, e muito menos esperou segurança, e perpetuidade de seu Reyno, ElRey D. Fernando de Liam, despois da sobcessam delRey D. Sancho seu irmao, que era filho mayor do Emperador, que por ventura querendo annullar tal repartiçam em cazo, que seu pay ha fizesse, queria contra elle uzar, assi como outro Rey D. Sancho segundo fizera na outra repartiçam primeyra dos Reynos de Castella, e de Liam, e de Portugual, e Gualiza, contra seus irmaos hos Reys D. Affonso, e D. Guarcia de que hos quizera privar, e hos prendeo, por ser filho mayor, posto que ElRey D. Fernando seu pay à ora de sua morte, antre elles todos tres, hos

ditos Reynos partira, e para começo desta prova, loguo que ho dito Rey D. Fernão de Liam vio q̄ ElRey D. Sancho seu irmao Reynou por ser mais poderoso, loguo entrou no Reyno de Liam ha entender em aggravos de que alguns Cavalleyros se queyxavam, e comoveo ha ElRey D. Fernando ha fazer em Liam todo ho que ElRey D. Sancho seu irmao quiz, e lhe mandou ainda que fosse, como foy contra sua vontade, pela qual ElRey D. Affonso Anriques sobre esto, e com este fundamento de se liarem, cazou loguo sua filha Dona Urraqua, com este Rey D. Fernão de Liam, que eram primos com irmaos, e della ouve ho Ifante D. Affonso, que despois delle Reynou em Liam, e quitouse della por achaque de parentesquo, com que livremente se despençaram, mas ho dito Rey D. Fernando ho nom quiz fazer, nem procurar ha dita dispensaçam, que poderam bem aver, porque despois da morte delRey D. Sancho seu irmao elle perdeu todo ho receo, e temor que delle tinha, que ElRey D. Affonso de Castella ho Noveno deste nome de que atraz jáa dice, filho, e sobcessor delRey D. Sancho ficou muito menino, e case delle dito Rey D. Fernando em poder, cujo dezejo parece, que foy fazerse Rey dambos hos Reynos, se Deos, e ha lealdade de vassallos Castilhanos lhe nom resistiram, como atraz esto jáa ficou mais declarado,

E sobre

E sobre este apartamento da Rainha Dona Urraqua ElRey D. Affonso Anriques por vingança, e ElRey D. Fernando por sua defeza tiveram continuas guerras, e ouve entre elles grandes odios, ho que foy no tempo que ho dito Rey D. Affonso quebrou ha perna no ferrolho das portas de Badalhonse, como em sua Coronica melhor se declara, e assi delpois por este respeito de liança, e concordia ElRey D. Sancho de Portugal sem devida despenaçam cazou esta Rainha Dona Tareja sua filha com ElRey D. Affonso de Liam, primo com irmão della, e seu sobrinho, filho de sua irmãa Dona Urraqua, e do dito Rey D. Fernando de Liam, e tambem ha esse tempo se ouve por muy necessario fazerse este casamento, para com elle, como bom meo de paz ferrarem guerras, e diferenças, que entre elles Reys de Portugal, e de Liam entam se aparelhavam, e porem segundo se acha por escrito, tanto que ambos foram cazados, que foy no mez de Fevreyro, loguo em Portugal, e Castella por qualquer cazo, que de adversa influencia do Ceo, ou por outros misterios, e peccados da terra, sobrevieram grandes, e tam prefeveradas invernadas, e chuvas que duraram sem cessar atée ho Junho seguinte, com que se danaram, e perderaõ muitas novidades de paõ, vinho, e azeyte, e fruytas, e algumas, que fiquaram, sobreveo tamanha pragua, e multidam de ver-

mões, que atée à terra todas has comeram, e veyo-se tam grande Estio, e secura por quenturas do Sol que durou atée meado Janeyro do anno, que vinha, e cessando ho Estio, sobrevieram grandes pestilencias, e outras dores espantozas, e de mortal periguo, especialmente em terra de Santa Maria, Bispado do Porto, onde ha peste foy tam crua, e danosa, que em grandes povorações, e Luguares de muitas pessoaes escassamente fiquaram tres vivos.

E na terra de Bragua particularmente se acha, que nos homens, e molheres intrinsequos males, e de tanto, e tam rayvozo ardor, que lhes parecia que ardiam, e comiam em ly mesmos, e assi com taes padecimentos sem aproveytar cura, nem remedio algum piadosamente morriam, e porque das mortaes perseguições, que à terra podiam vir, algũa nom fiquasse por passar, ouve neste tempo em Portugal durando este casamento tanto falecimento de mantimentos, que muitas gentes morriam de fome, e por susterem has vidas por alguma maneyra, comiam como bestas hos guomos das vinhas, nem leyxavam has ervas verdes dos campos, e no mesmo tempo, porque hos homens nom gouessem dalgũ bem da paz veo que por detradeyra perseguiçam, hum Jacob Mouro poderoso Rey de Sevilha, sabendo destas minguoas, e necessidades do Reyno de Portugal, para mais facilmente ho conquerir, e guerrear,

elle com muita gente de pé, e de cavallo por terra, e com afaas frota por maar, no mez de Mayo entrou em Portugual, e veyo loguo poer cerco sobre ha Villa de Alcacere do Sal, que ElRey D. Affonso Anriques primeyramente tomou a hos Mouros, e assi ha combateo loguo com engenhos darmas de noyte, e de dia, que a hos tres dias de Junho seguinte, com afaas dano dos da Villa ha tomou.

Pelo qual hos Christãos que viam nos Castelllos Dalmada, e de Cezimbra, e Palmella, que tambem nom avia muito tempo, que ho dito Rey D. Affonso tomara a hos infieis, sabendo que Alcacere do Sal, Villa tam forte fora assi, sem resistencia, nem socorro tomada, desesperados de se poderem nelles defender, hos leyxaram vazios, e se acolheram ha outros Luguares dos Christãos em que esperavam ter moor segurança. Sabendo esto ho dito Rey Mouro, veyo loguo a hos ditos Castelllos, e até ho chaõ hos derribou, e destroyo, e despois de leyxar Alcacere bem fortalezado, foy loguo com seu poder cercar ha Cidade de Sylves, que ElRey D. Sancho avia pouquo tempo, que lha tinha tomada, como atraz hee declarado, e com engenhos de combates continos assi afrontou ha Cidade, que hos Christãos que ha defendiam despois dalguns dias passados em que nom esperavam socorro, deram por partido ha Cidade a hos Mouros, com

segurança das vidas, e fazendas, que salvaram.

Ha qual necessidade ElRey D. Sancho nom pode entam socorrer assi como fora rezaõ, e elle dezejava por minguoas, e necessidades dos Reynos, e assi por outras em que contra ElRey de Liam andava revolto, e ocupado, e neste tempo hos Mouros da Cidade de Sylves no Alguarve, até que Reynou D. Affonso Conde de Bolonha, neto delRey D. Sancho, porque no tempo deste se tornou outra vez ha cobrar com todo ho Alguarve, como em sua Coronica aho diante se dirá. E porém desta entrada, e guerra que este Mouro assi fez, recebeu Portugual grandes danos, que hos infieis levaram delle grandes roubos, e muitos Christãos cativos de que muitos passaram alem maar, mas ElRey D. Sancho para algum repayro, e descanso destes males passados, e porque jáa has gentes de seu Reyno estavam por estas guerras, e necessidades muy trabalhados, tratou treguoas por sinquo annos com ho dito Rey Mouro, has quais foram por sua parte firmar, hum Pedro Affonso, e Gil Guonçalves, seus vassallos, e pessoas em que tinha confiança.

Das quais tribulações, e grandes males, que Espanha, e Portugual assi padeciam, tendo informado Celestino III. que ha este tempo era Papa em Roma, cuydando que poderiam ser por maldiçam de Deos, e por pendenza da culpa
erros,

erros, e peccados, em que hos Reys estavam, por este cazamento, por ser feyto antre tam conjuntos parentes, sem dispensaçam, e contra ho préceyto da Egreja para ho desfazer, enviou de Roma por Legua-do ha Elpanha, e ha Portugal principalmente, D. Guilhelme Diacono Cardeal do titulo de Santan-Gelo, ho qual com Arcebispos, Priores, e Abbades Bentos do Reyno de Portugal, e de Liam, que mandou ajuntar, fez Concilio em Salamanqua onde foy acordado divorcio, e apartamento dos ditos Reys D. Affonso, e ha Rainha Dona Tareja, nem quizeram dispensar sobre ho cazamento antre elles jáa feyto, e porque ElRey, e ha Rainha nom obedeceram, nem quizeram loguo apartar, puzeram muy estreyto antredito em ambos hos Reynos, por riguor do qual has gentes neste tempo nom entravam nas Egrejas, nem se diziam nellas Missas, nem Officios Divinos, nem davaõ sepulturas ahos corpos mortos em luguares Sagrados, ho qual antredito durou hum anno, e hum mez, e tres dias.

1207. No cabo do qual tempo ho dito Rey, e Rainha obedeceram à Santa Sèe Apostoliqua se apartaram, ho que foy na era de Nosso Senhor de mil duzentos e sete annos, e este dito Rey D. Affonso de Liam, tambem sem dispensaçam tornou ha cazar com ha Rainha Dona Beringela, filha delRey D. Affonso Noveno de Castella, e despois de

averem filhos dantre ambos tambem della se quitou, e della ho dito Rey D. Affonso de Liam ouve ElRey D. Fernando seu filho, em que hos Reynos de Castella, e de Liam, se tornaram ajuntar, e este foy ho que guanhou Cordova, e Sevilha dos Mouros, e porém ElRey D. Affonso de Liam, e ha Rainha Dona Thareja, que primeyro cazaram, jáa tambem rinham dantre ambos tres filhos, ha saber, ho Infante D. Fernando, que faleceo moço sem filhos, ha que este Rey D. Sancho seu avoo, leyxou em seu testamento dez mil maravedis douro, dos quaes maravedis douro, sessenta faziam hũ marquo, e eram de preço de como aguora neste tempo são hos cruzados douro, e assi tinham ha Infante Dona Doce, que ElRey D. Sancho criou em Portugal, e em sua caza, e ha que leyxou em seu testamento outros dez mil maravedis douro, e cento, e fincoenta marquos de prata, e assi tinha ha Infante Dona Sancha, que se criou em Castella, ha que tambem leyxou ElRey D. Sancho outros dez mil maravedis douro, e esta he ha que cazou com ElRey D. Anrique de Castella despois que foy quite da Rainha Dona Mofalda, filha deste Rey D. Sancho de Portugal, de que loguo se diráa.

Has quaes Infantes se dizem de *Castro torrafe*. Despois da morte delRey D. Affonso de Liam seu padre, porque has leyxou erdeyras do Reyno em seu testamento, e assi

por concelho da Rainha Dona Thareja sua madre se alevantaram com ho Reyno de Liam, contra ElRey D. Fernando seu irmaõ, filho da Rainha Dona Biringela, e em fim, em Valença do Minho, onde ha dita Rainha Dona Biringela veu, elles todos foram concordados nesta maneyra, ha saber, que ellas Infantes filhas da Rainha Dona Thareja leyxassem hos Castellos de Liam, e ouvessem para seu soportamento por has rendas doutros Luguares loguo afinados sinquoenta mil dobras douro cada anno, e sobre esto cõcerto, se foraõ ver com ElRey D. Fernando em Benavente, donde partiram amigos em paz.

E ha Rainha Dona Thareja despois de passados alguns dias se veu para Portugual, ha que ElRey D. Sancho seu Padre leyxou no dito testamento para soportamento de sua vida, ha Villa de Montemoor ho Velho, e ho Lugar Desgueyra, e mais outros dez mil maravedis douro, e cento e sinquoenta marcos de prata, e esta Rainha reformou de novo aho Moesteyro de Lorvam da Ordem de S. Bernardo, ha tres leguas da Cidade de Coimbra, e ho dotou de muitas rendas, e foy Senhora delle, e nelle jáis sepultada; e leyxoulhe para sempre ho dito Lugar Desgueyra, que ho dito Moesteyro aguora tem.

He Sanra,
e della reza a Igreja, e faz festa a 17. de Junho. por Decreto do Papa Clemente XI.

Da Rainha Dona Mofalda, filha delRey D. Sancho.

E affiouve ElRey D. Sancho da Rainha Dona Doce sua molher ha Infante Dona Mofalda, que em perfeções, e bondades do corpo, e dalma, foy Princeza muy acabada, ha qual foy cazada com ElRey D. Anrique deste nome ho primeyro Rey de Castella, filho, e erdeyro do sobredito Rey D. Affonso ho noveno, eram parentes dentro no quarto grao, e cazaram sem dispensaçam, e principalmente sem consentimento, e contra vontade da Rainha Dona Biringela sua irmaã, foram pelo Papa Innocencio III. apartados, ho que para declaraçam doutras cousas, que podem obcorrer, foy brevemente nesta maneyra.

Por falecimento do sobredito Rey D. Affonso noveno de Castella, ficou por seu erdeyro em muy piquena idade D. Anrique seu filho, deste nome ho primeyro de Castella, filho da Rainha Dona Leonor, filha delRey D. Anrique de Inglaterra, à qual despois da morte delRey seu marido, ficou ho regimento, e governança dos Reynos de Castella, e affi ha criaçam delRey seu filho, atée elle ser em idade para por sy poder reger, e porque esta Rainha Dona Leonor, loguo ha poz seu marido faleceo, ficou por sua morte, encomendado todo seu carguo à Rainha

nha Dona Biringela, irmãa do dito Rey D. Anrique, e Rainha, que fora de Liam, e estava em Castella por ser ha esse tempo, por authoridade, e mandamento da Egreja apartada del Rey D. Affonso de Liam, seu marido, e primo com irmão, como atraz jáa toquey, ha qual em bondades, virtudes, e grandes prudencias, foy Princeza singular, e porque naquelle tempo hos Condes de Lara, ha saber D. Fernando, e D. Alvaro, e D. Guonçalo, filhos do Conde D. Nuno de Lara ho bom, de que atraz jáa faley, eram pessoas mais principais do Reyno, elles para que com mais licença, e amor poderem usar de suas vontades, e cobiça trabalharam de tirar El Rey D. Anrique do poder desta Rainha sua irmãa, para que lhes fosse entregue, ha qual por escuzar boliços do Reyno, que se aparelhavam, com precedente concelho primeiramente, e com consentimêto dos Estados do Reyno, e em Cortes aprazadas, e com juramentos, e menagens solenes ouve por bem de entregar, e entregou El Rey seu irmão aho Conde D. Alvaro de Lara, que loguo quebrou, e nom guardou has lemitações, e condições com que prometeo de reger, e guovernar por El Rey, fazendo em sua guovernança couzas assi feas, e graves, que eram contrayras ha toda justiça, e onestidade, e pareciam proceder de cobiça, e tirania, ou de pura vingança, de que por odio, nom quiz

isentar ha mesma Rainha Dona Biringela, ha que sem algum resguardo de sua dignidade, e grandes merecimentos, quizera tambem tirar muitas cousas, que da Coroa de Castella direytamente tinha, e porque sentio, que assi ha Rainha, como outtos grandes Senhores de Castella lhe queriam tirar El Rey D. Anrique, e ha guovernança de seu Reyno, e via que ho mesmo Rey assi ho dezejava, por assegurar principalmente ha vontade del Rey em que a mayor força da contradicam, e concordia de suas cousas estava, e para teer mayores, e mais ajudas, para ha força que queria fazer, sabendo que ha Ifante Dona Mofalda filha del Rey D. Sancho de Portugal estava por cazar, e era Senhora em que avia respeytos, e grandes prefeyções para se della terem muitos contentamentos, ho Conde D. Alvaro de Lara leyxou El Rey D. Anrique na Cidade de Palença, q hee de Castella, e se veyo ha Portugal, e com tanta eficacia, e com taes rezões, e fundamentos tratou este cazamento com El Rey D. Sancho, que sem mais dilaçam, ouve por bem loguo lhe entregar sua filha, que com aquella honra, e companhia, que merecia, loguo ho dito Conde ha levou ha Palença à vista del Rey D. Anrique, e dahy loguo ha Medina del Campo onde cazaram, e fizeram suas vodas, com festas publicas, e honradas.

E deste cazamento pezon muito

to à Rainha Dona Biringela, que com palavras ha seu descontentamento conformes, he principalmente por cazarem em peccado, e sem dispensação, ho mandou muito estranhar aho Conde, ho qual sobre effo respondeo à Rainha, por ventura mais alpero do que de vera, e ella merecia, e quizera, pelo qual ha Rainha, loguo sopriquoou aho Papa Innocencio III. sobre effo pedindolhe, que hos apartasse, ho qual cometeo ha cauza ha D. Tello Bispo de Palença, e ha D. Moninho Bispo de Burguos, hos quaes juntos, e ouvidas sobre effo has partes, e sabida ha verdade do feyto, julguaram ho apartamento antre ElRey, e ha Rainha, e com apremadas censuras, e antreditos, que nos Reynos pozeram, foram ambos apartados, e ha Rainha Dona Mofalda se tornou ha Portugal para ElRey D. Sancho seu padre, e ElRey D. Anrique, foy loguo concertado de cazar, e cazou com ha sobredita Dona Sancha, filha delRey D. Affonso de Liam, e da Rainha Dona Thareja sua molher, e neta delRey D. Sancho, com fundamento, e condiçam, que despois da morte delRey D. Affonso de Liam, porque nom tinha filho baram legitimo, que hos sucedesse, e erdasse, que hos Reynos de Castella, e de Liam fiquassem juntamente aho dito Rey D. Anrique, e nom veyo ha effyto, porque dahy ha pouquos dias estando ElRey em Palença julgando, e avendo pra-

zer com seus Fidalguos, hum delles que se diz ser da linhagem de Mendoça, lançando alto hum mançal toquou em hum telhado, onde por defastre cayo huma telha, que deu na cabeça delRey, que ha pouquos dias loguo faleceo, e ha elle sobcedeo loguo nos Reynos de Castella ho Ifante D. Fernando seu sobrinho, filho do dito Rey D. Affonso de Liam.

Este Rey D. Fernando seu filho por nom aver ahy outro legitimo sobcessor baram, sobcedeo tambem ho Reyno de Liam, e nelle como atraz apontey hos Reynos ambos de Castella, e de Liam, outra vez se tornaraõ ajuntar no anno seguinte, que foy de Noffo Senhor Jesu Christo de mil e duzentos e trinta e dois annos, como nas Coronicas Despanha mais declaradamente se conteem, e ha esta Rainha Dona Mofalda, ElRey D. Sancho seu pay leyxou em seu testamento para soportamento de sua vida, e estado, dez mil maravedis douro, e duzentos marquos de prata, e mais ha Egreja de Bonças, e Moesteyro Darouqua, da Ordem de S. Bernardo, que ella novamente fundou, e nelle acabou onesta, e santamente sua vida, e ahy jaas sepultada.

1232.

Da Ifante Dona Sancha, filha delRey D. Sancho.

E assi ouve mais ElRey D. Sancho da Rainha Dona Doce sua molher, ha Ifante Dona Sancha, que

que nom cazou, e foy guovernado-
ra do Moesteyro de Lorvam, e ha
esta leyxou ElRey seu padre ha
Villa Dalanquer por sua Cidade, e
outros dez mil maravedis douro, e
duzentos, e finquoenta marquos de
prata, e mais muita roupa de caza,
e riquas joyas de sua pessoa, e esta
jaas sepultada no Moesteyro de
Santa Cruz de Coimbra, e fundou
ho Moesteyro de Saõ Francisquo
Dalanquer da Observancia, ainda
em vida de S. Francisquo, e esta de-
vaçam tomou quando hos finquo
Frades ha vieram de caminho vizi-
tar, e hos vestio, e lhe fez esmola,
como se aho diante dirá.

*Da Ifante Dona Branqua, filha
tambem del Rey D. Sancho.*

E affiouve ElRey, e ha Rainha
sua molher ha Ifante Dona Bran-
qua, que foy Senhora de Guadal-
ferrara em Castella, e mandouse
trazer, e enterrar em Santa Cruz
de Coimbra, e ha esta leyxou tam-
bem ElRey seu pay outros dez mil
maravedis douro, e duzentos mar-
quos de prata.

*Da Ifante Dona Biringela, filha
Del Rey.*

Teve mais ElRey D. Sancho da
Rainha sua molher por derradeyra
filha, ha Ifante Dona Biringela,
que faleceo sem cazar, e foy criada
pela Rainha Dona Thareja sua ir-
mãa em Lorvam, e ha esta tambem

ElRey leyxou em seu testamento
outros dez mil maravedis douro, e
duzentos marquos de prata, e aho
tempo de seu falecimento se man-
dou enterrar em Santa Cruz de
Coimbra onde seu pay jazia, hos
quaes filhos, e filhas legitimos ho
dito Rey D. Sancho ouve da Rai-
nhã Dona Doce sua molher, ha
qual faleceo na era de Nosso Se-
nhor de mil cento e noventa e oy-
to, e mandouse loguo soterrar em
Santa Cruz de Coimbra, onde des-
pois foy sepultado ElRey D. San-
cho seu marido. E aho tempo em
que ha Rainha faleceo, ElRey D.
Sancho quando viuvou, era de ida-
de de quorenta e quatro annos.

1198.

*Dos filhos bastardos del Rey D.
Sancho.*

Depois do falecimento da Rai-
nhã Dona Doce, ElRey tomou lo-
guo por manceba humã Dona Ma-
ria Ayres de Fornelos, de que ouve
dous filhos, ha saber Martim San-
ches, e Dona Urraqua Sanches, e
este Martim Sanches, foy Adian-
tado del Rey D. Affonso de Liam,
seu Primo com irmão, e era bom
Cavalleyro, e cazou com ha Con-
dessa Dona Olaya Pires, filha de
D. Pedro Fernandes de Castro, ho
Castelam, de que jãa dice, e ven-
ceo tres vezes ha gente de D. Af-
fonso de Portugal seu irmão, em
nome del Rey D. Affonso de Liam,
e teve quatro Condados, em que
entrava ho Condado Destramara
em

em Gualiza, e nom teve filhos, e jáas honradamente sepultado em Cofinos luguar da Ordem de São Joham em Castella, em terra de Campos.

E despois desta primeyra manceba, que ElRey leyxou, e ouve por bem que cazasse com D. Gil Vaz de Souza, homem principal, tomou loguo q̄ teve atée sua morte, outra segunda Dona Maria Paes Ribeyra, ha que deu Villa de Cōde, e outras Cidades, e terras, se nom cazasse, e ha esta foy ElRey muito affeyçoado, e della ouve estes filhos, e filhas ha saber, Dona Thareja Sanches, que foy cazada com D. Affonso Telles ho Velho, que povorou Alboquerque, hos quaes ouveram filhos, ha saber, D. Joham Affonso Tello, e Martim Affonso Tello, e ha esta Dona Thareja, ElRey em seu Testamēto leyxou sete mil maravedis douro, e assi ouve della D. Gil Sanches, ha que ElRey leyxou oyto mil maravedis douro em seu testamento. E Dona Constança Sanches, ha que ElRey leyxou sete mil maravedis, e sem cazar acabou ho Moesteyro de S. Francisquo de Coimbra, que em vida de S. Francisquo se fundou, e jáas em Santa Cruz, junto com ElRey D. Sancho seu padre, e ouve della mais ha D. Ruy Sanches, ha que leyxou outros oyto mil maravedis, e este morreo em huma pelega na Cidade do Porto, que nom devia de ser de Mouros, e jáas soterrado no Moesteyro de

Grijóo. E esta Dona Maria Paes despois dalguns dias do falecimēto delRey, cazou com Joham Fernandes de Lima, que diceram ho bom de Gualiza, que foy muito honrado, e de grande caza, e delle tambem ouve filhos, e filhas, e huma lua neta, que chamaram Dona Ignez Lourenço de Valadares, cazou com D. Martim Affonso, filho bastardo delRey D. Affonso ho segundo de Portugal, que ouve de huma molher, que fora Moura, e estes ouveram hum filho dito Martim Affonso Chichorro, que ouve filho que chamaram Vasquo Martins Chichorro, de que vem hos Chichorros de Souza, de Portugal, que aguora saõ.

A qual Dona Maria Paes, que se acertou aho tempo do falecimento delRey D. Sancho, indo de Coimbra com seu doo, e triste para sua terra, que era Villa de Conde, acompanhada de D. Martim Paes Ribeyro seu irmaõ, aconteceu que hum Guomes Lourenço Viegas, neto de D. Eguas Moniz, que era homem principal ha salteou no caminho, e ha levou por força aho Reyno de Liam, e ferio mal ha seu irmaõ, ho qual se foy loguo querelar ha ElRey D. Affonso, filho delRey D. Sancho, que entam começara de Reynar, que sobre esso escreveo loguo ha ElRey de Liam, assi aspero, e com rezões de requerimentos de justiça, e emmenda como ho cazo de tal força requeria, e porque Guomes Lourenço, por
empra-

emprazamentos, e citações que sobre ho cazo lhe foram loguo feytas, e sobre entrega de Dona Maria Paes se vio muy apesado, induzido della, e aconselhado fallamente se vieram ambos ha El Rey D. Affonso de Portugual, que ha esse tempo era em Castel Rodrigo de Riba de Coa, de que lhe fez diffimuladamente creer, que depois da fosseguado, e satisfeyto seu irman Martim Paes, elle dito Guomes Lourenço averia perdam, e remedio, mas ella como se vio ante El Rey loguo assi se leyxou cayr em terra, e com vozes, e palavras de grande sentimento, e com muitas lagrymas lhe pedio justiça, e vingança de Guomes Lourenço, que era presente, pela força, e deshonna que lhe fizera, pelo qual El Rey despois de ha ouvir, e sem escuza confessar seu crime, ho mandou loguo matar, e despois desto porque ella era de boa linhagem, e fiquara muy riqua, cazou com ho dito Joham Fernandes de Lima, como acima dice.

CAPITULO XVI.

Das cousas, que ha El Rey D. Sancho em seu Reyno socederam despois do apartamēto da Rainha Dona Thareja sua filha atèe seu falecimento.

DO apartamento del Rey D. Affonso de Liaõ, e da Rainha

Dona Tareja sua molher atèe ho falecimento deste Rey D. Sancho, se passaram doze annos, e has cousas que nestes Reynos, achey que fez, e que em seu Reyno, e tempo se passaram, saõ has seguintes (brevemente) primeiramente no anno seguinte despois que hos Mouros destroyram hos Castellos atraz apontados, El Rey mãdou reformar, e fortalecer ho Castello de Palma, e assi de novo ho de Cezimbra, e alguns dez annos que apoz este loguo se seguiram por desvayrados curços dos Ceos, mais que por erros de cousas da terra, ouve em Espanha guerras, fomes, e cruas pestilencias nos homens, e grandes mortindades em toda calidade de alimarias, e em quanto duraram has treguoas que El Rey D. Sancho poz com hos Mouros, sempre pela mayor parte do tempo teve guerra com El Rey D. Affonso de Liam, ha que tomou em Gualiza ha Cidade de Tuy, e has Villas de Sampayo, e de Lobeo, e Ponte Vedra, e outros Luguares que em sua vida teve, porque despois de sua morte, e em tempo doutros Reys seus socessores por bem de paz, e concordia, hos ditos Luguares foram tornados aho Reyno de Liam.

E na era de Nosso Senhor de mil e cento e noventa e nove annos antre ha Sexta, e Noa do dia foy grande, e muito espantezo Cris do Sol, que por todos aquelles que escreviam has couzas maravilhosas de seus tempos, afaas memorado,

1199.

G

por-

porque ho Sol foy negro todo como pez, e ho dia que era craro, se tornou muy escura noyte, e nos Ceos sendo de dia pareceu ha Lua, muitas Estrellas, por cujo nome, e espanto, e mortal temor, hos homens, e molheres de todo ho estado, e condiçam, crendo que ho mundo se acabava, e vinha ho dia do derradeyro juizo, temendo ha morte, e por acabarem has vidas, em santos luguares leyxavam has cazas, e fazendas, e desacordadas se acolhiam às Egrejas, e Cazas piedosas, e despois que has trevas se começaram ha derramar, e ho Sol cobrando sua claridade, foy ha Lua vista em desvayradas maneyras, como nunca fora vista, e viam estes sinaes serem tam fóra do regulado curso da natureza, como hos que tiveram ha Payxam de N. Senhor, e este dia deste Cris assi foy nomeado, e assi ficou lembrado nas memorias dos homens, especialmente de Portugual, que quando despois pessoas antigas se perguntavam por couzas de tempos passados, de que queriam saber ha verdade, e has testemunhas para certidam de suas idades, e tempos referiam seus ditos, e mores lembranças, ha este dia que se tornára noyte, e acha-se mais, que despois da era de N. Senhor de mil e duzentos e hum annos, por continuas chuvas, que em todos hos mezes sobrevieram nom se poderam fazer lementeyras, salvo em muy poucos luguares, em que ha semente se

perdeo, de que se seguio outra tam grande fome, que segundo ha estimaçam, que se fez se affirma, que ha terçeyra parte da gente, que era viva morria, especialmente em Gualiza, onde por este pestifero mal, fiquaram ermos muitos Luguares, e de todo despovoados, e no anno seguinte se mostra, que ElRey D. Sancho mandou de novo edeficar ho Castello de Monte moor ho novo, no Bispado de Evora, e neste anno até hos dous seguintes se acha aver neste Reyno no maar, e na terra grandes tromentas, e tempestades, de que receberam mortes, e muitos danos, e perdas geraes, assi nos homens, e molheres, como guados, e Navios, e mercadorias, e neste anno ElRey D. Sancho povorou, e fez de novo ho Castello de Penella, e no anno seguinte de mil duzentos e oytto, ha vinte, e finquo dias de Julho, se acha brevemente que ho dito Rey com gente de guerra ordenada tomou a hos Mouros por força ho Castello Delavas, e esta foy ha derradeyra couza, que por serviço, e acrecentamento de sua honra, e bom nome fez contra hos infieis no qual feyto jáa com elle foy ho Ifante D. Affonso seu filho erdeyro, que apoz elle Reynou.

1202.

1208.

1201.

CAPITULO XVII.

Do falecimento del Rey D. Sancho, e de seu Testamento, e de algumas cousas, e obras que fez.

NO anno de N. Senhor Jesu Christo de mil duzentos, e doze, tendo jáa El Rey D. Sancho sinquoenta, e oyto annos de sua idade, e avendo vinte, e sete que Reynava, fazendo primeyro seu solene testamento, e como Catholico, e muy virtuoso Rey, recebendo para bem de sua alma todos los Sacramentos ordenados pela Egreja, faleceo de sua vida corporal na Cidade de Coimbra, onde no Moesteyro de Santa Cruz jáas sepultado junto com El Rey D. Affonso Anriques seu padre, onde jazia jáa sepultada ha Rainha Dona Doce sua molher, como atraz jáa dice, e antes dous annos, que falecesse ho dito Rey D. Sancho, fez seu solene testamento, que eu Coronista vi escrito em perguaminho, com palavras de latim, e asselado sob seu selo de chumbo, e approvado com juramentos, e menagens solenes por ho Ifante D. Affonso seu filho primogenito, e locessor, e pelo Arcebispo de Bragua, e pelo Prior de Santa Cruz, e pelo Abba de Sam Tiço, e pelo Mestre do Templo de Salamam em Jerusa-

lem, e pelo Prior do Esprital de S. Joham em Jerusalem neste Reyno, e por D. Pedro Affonso, e por D. Guarcia Mendes, e D. Martim Fernandes, e por D. Lourenço Soares, e D. Guomes Soares, que eram Senhores, e peffoas mais principaes do Reyno, com hos quaes fez seu testamento, todos em auto pubriquo fizeram Juramento nas mãos do Arcebispo de Bragua, e menagens nas proprias mãos del Rey que sobpena de tredores, e aleyvosos, e excomunguados, e malditos da maldiçam de Deos, todas has couzas de seu testamento comprissem, e fizessem inteiramente cumprir, ho qual testamento foy feyto na Cidade de Coimbra no mez de Outubro do anno de N. Senhor de mil duzentos e dez, e da hy ha dous annos faleceo El Rey, como jáa dice.

E dos leguados, e esmolas que ho dito testamento leyxou, e donde ordenou que ha pagua de tudo se fizesse, nom me pareceo ser alheo da Estoria, assi para louvor deste glorioso Rey, como para bom exemplo dos outros, que esto virem, por rey aqui hũa sumaria, e verdadeyra lembrança, que soya ser ha do Tombo das Escrituras de seus Reynos, e assi em poder do Mestre da Freyria de Evora, que aguora hee de Aviz, e no Castello de Tomar em poder do Mestre, e Freyres do Templo, que aguora hee de Christus, e no Castello de Belver, que era do Prior do Esprital de Jerusalem,

e assi em poder do Abbade de Alcobaça, e do Prior da Santa Cruz, e no Castello de Leyria leyxava quinhentos e tres mil e tantos maravedis douro de sessenta, e mil e quatrocentos marcos de prata, declarando ha soma particular que em cada hum destes lugares tinha.

E porque aho tempo de seu falecimento elle tinha quinze filhos, e filhas todos vivos, ha saber, nove legitimos, e seis bastardos, como tenho acima declarado ha estes todos desta soma, além doutros grandes leguados de panos, e joyas, e guados, e cavalos, leyxou mais trezentos e sincoenta mil maravedis douro, em que leyxou destes aho Infante D. Affonso seu filho mayor, que declarou por erdeyro, e mais hos outros filhos, e filhas, mil e cem marcos de prata, ha saber, ha cada hum dos filhos, e filhas legitimas dez mil maravedis, e ha cada huma das femeas duzentos e sincoenta marcos de prata, e ha cada hum dos filhos barões bastardos sete mil, e mais certos marcos de prata, e dos cento e sincoenta e oytto mil e tantos maravedis, que fiçuraõ leyxou quarenta mil ha Alcobaça, ha saber, dez mil para delles se fazer huma guafaria em Coimbra, dez para fazer hum Mosteyro da Ordem de Cistel, e hos sinco mil para ha fabriqua, e bem feytorias de Alcobaça, e aho Mosteyro de Santa Cruz X maravedis, e mais ha sua Capella, huma

copa douro de que mandou que se fizesse huma Cruz, e hum Calix, e mais cem marcos de prata, para frontaes dos Altares de S. Pedro, e Santo Agostinho, e para redemção dos Cativos leyxou quinze mil maravedis, e aho Templo Santo de Jerusalem X maravedis, e aho Espiritual de Jerusalem outros dez mil maravedis, e para se fazer ha ponte de Coimbra X maravedis, e aho Papa Innocencio III. leyxou cem marcos douro, ha que pedio, como ha Senhor de seu corpo, e da sua alma, que com sua santa authoridade, faça inteiramente comprir este seu testamento, e dos sessenta, e oytto mil maravedis tomou linquo mil para satisfaçam das couzas que se achassem, que elle com direyto devia restituir, e hos mais mandou estribuir por alguns Mosteyros principaes, e Egrejas do Reyno por somas logo declaradas de mais, e menos, segundo ha calidade das Egrejas, e na merce, e beneficios, que fez às Egrejas Cathedraes do Reyno, entrou ha Sêe da Cidade de Tuy com moor soma, que has outras, ha que mandou dar tres mil maravedis, por ser a este tempo de Portugal, porque cada huma de todas has outras ouve sómente mil maravedis, sómente Bragua, e Evora, que ouveraõ dous mil, e ha cada huma das Egrejas pequenas mandou dar dous maravedis, que se alguma lobejasse da soma, ho que para estas despezas piedozas apartara, que ho tornassem

o X com
a plica por
cima vale
dez mil.

sem ha dar, e repartir pelas Egrejas mais pobres.

CAPITULO XVIII.

De alguns Luguares, que El Rey D. Sancho novamente fundou, e fez, e ha que deu foraes.

Deu à Ordem de Santiago em tempo de Sancho Fernandes, que era Mestre della, has Villas Dalcacere do Sal, e Palmela, e Almada, e Arruda, e povorou ha Villa de Valhelhas, e lhe deu foral, e ha deu à Ordem da Freyria Devora, que entam era de Calatrava, e ora he Daviz, e deu à Ordem Daviz, sendo Mestre della D. Guonçalo Viegas, filho de D. Eguas Moniz, hos Luguares Dalcanele, e Alpedriz, e Juromenha, e ho Castello de Mafora, ennobreceo ha Sé da Cidade de Vizeu, deu foral à Cidade, e às Villas de Cea, e de

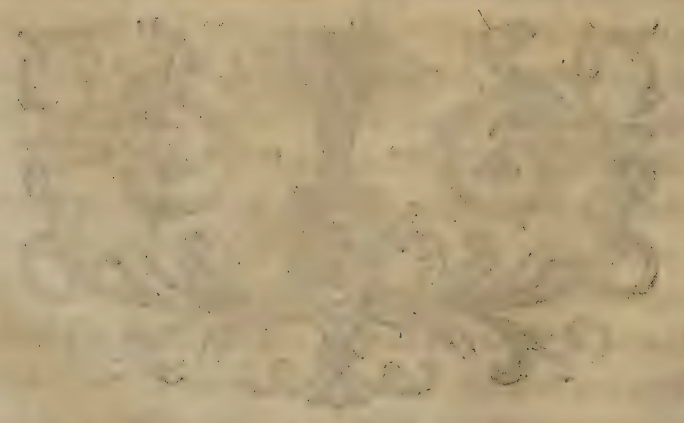
Gouvea, e povorou Pena macor, e lhe deu foral, e assi à Villa, e Castello, de Sortelha, e assi deu foral ha Torres novas, que refez, ennobreceo despois da destroyçam, que nella fizeram hos Mouros, e deu ha Cidade da Idanha primeyramente à Ordem do Templo, e assi deu foral ha Braguança, e povorou, e fez de novo ha Villa de Contrafte, que agora he Valença do Minho, e povorou de fundamento Monte moor ho novo, e lhe deu foral; e assi povorou Penela, e Figueyró, e deu foral ha Cezimbra, e ha Pinhel, e ennobreceo ho Castello, e ha Villa; e assi povorou Covilhãa, e Fologosinho na Serra Destrella, e lhes deu foral, e assi à Cidade da Guarda, e ha outros muitos Luguares de seu Reyno, como Rey, em que avia esforço, e grandeza de animo para ho defender, e acrescentar, e ennobrecer, nem lhe faleciam bondades, e justiça, e san consciencia para em seu tempo ser bem governado, e regido como foy.

D E O G R A T I A S !



The first part of the book is a history of the
 city of London, from its foundation to the
 present time. It is written in a plain and
 simple style, and contains a great deal of
 interesting information. The second part
 is a description of the city, and its
 various parts. It is written in a more
 detailed and descriptive style, and
 contains a great deal of information
 about the city's buildings, streets, and
 other features. The third part is a
 description of the city's government, and
 its various departments. It is written in a
 more formal and official style, and
 contains a great deal of information
 about the city's laws, customs, and
 other features. The fourth part is a
 description of the city's commerce, and
 its various branches. It is written in a
 more detailed and descriptive style, and
 contains a great deal of information
 about the city's trade, industry, and
 other features. The fifth part is a
 description of the city's population, and
 its various classes. It is written in a
 more detailed and descriptive style, and
 contains a great deal of information
 about the city's people, their habits, and
 other features. The sixth part is a
 description of the city's education, and
 its various institutions. It is written in a
 more detailed and descriptive style, and
 contains a great deal of information
 about the city's schools, colleges, and
 other features. The seventh part is a
 description of the city's religion, and
 its various sects. It is written in a
 more detailed and descriptive style, and
 contains a great deal of information
 about the city's churches, synagogues,
 and other religious institutions. The
 eighth part is a description of the city's
 arts and sciences, and its various
 institutions. It is written in a more
 detailed and descriptive style, and
 contains a great deal of information
 about the city's museums, libraries,
 and other cultural institutions. The
 ninth part is a description of the city's
 military, and its various forces. It is
 written in a more detailed and
 descriptive style, and contains a great
 deal of information about the city's
 army, navy, and other military
 forces. The tenth part is a description
 of the city's public works, and its
 various departments. It is written in a
 more detailed and descriptive style, and
 contains a great deal of information
 about the city's roads, bridges, and
 other public works. The eleventh part
 is a description of the city's health,
 and its various institutions. It is
 written in a more detailed and
 descriptive style, and contains a great
 deal of information about the city's
 hospitals, dispensaries, and other
 health institutions. The twelfth part
 is a description of the city's police,
 and its various departments. It is
 written in a more detailed and
 descriptive style, and contains a great
 deal of information about the city's
 police forces, their duties, and other
 features. The thirteenth part is a
 description of the city's fire, and its
 various departments. It is written in a
 more detailed and descriptive style, and
 contains a great deal of information
 about the city's fire departments, their
 equipment, and other features. The
 fourteenth part is a description of the
 city's water, and its various departments.
 It is written in a more detailed and
 descriptive style, and contains a great
 deal of information about the city's
 water supply, its distribution, and
 other features. The fifteenth part is a
 description of the city's streets, and its
 various departments. It is written in a
 more detailed and descriptive style, and
 contains a great deal of information
 about the city's streets, their layout,
 and other features. The sixteenth part
 is a description of the city's parks,
 and its various departments. It is
 written in a more detailed and
 descriptive style, and contains a great
 deal of information about the city's
 parks, their layout, and other features.
 The seventeenth part is a description
 of the city's gardens, and its various
 departments. It is written in a more
 detailed and descriptive style, and
 contains a great deal of information
 about the city's gardens, their layout,
 and other features. The eighteenth
 part is a description of the city's
 public buildings, and its various
 departments. It is written in a more
 detailed and descriptive style, and
 contains a great deal of information
 about the city's public buildings, their
 layout, and other features. The
 nineteenth part is a description of the
 city's public works, and its various
 departments. It is written in a more
 detailed and descriptive style, and
 contains a great deal of information
 about the city's public works, their
 layout, and other features. The
 twentieth part is a description of the
 city's public works, and its various
 departments. It is written in a more
 detailed and descriptive style, and
 contains a great deal of information
 about the city's public works, their
 layout, and other features.

DNO GRALIA





INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS.

O numero denota a Pagina.

A

Abeamázim, e Albouzil.

C Apitães Mouros, que gover-
navaõ o exercito que sitiava
Beja, saõ mortos por ElRey D.
Sancho I. pag. 8.

Abuaxam Almohadim Miramolim
de Marrocos, he morto na ba-
talha de Santarem, pag. 9.

Princepe D. Affonso Filho primo-
genito delRey D. Sancho I.
quando naceo, pag. 37. Sendo
Rey mandou matar a Guomes
mes lourenço Viegas, neto de
Egas Moniz, por forçar a Do-
na Maria Paes Ribeira, q̃ fora
amiga delRey D. Sancho I. seu
pay, pag. 49.

D. Affonso III. De Portugal foy
o primeiro, que se intitoulou Rey
dos Algarves, e que acrescentou
ao Escudo das Quinas a orla

dos Castellos, pag. 2.

Affonso Nono de Castella He ven-
cido na batalha Delharquos, p.
29. Vence aos Mouros na ce-
lebre vitoria das Navas de To-
losa, pag. 29.

D. Affonso Henriques Onde, e quã-
do morreo, pag. 1. e 2. Em que
sepultura está enterrado, pag. 2.
Quãdo se intitoulou Rey de Por-
tugual, pag. 3. Recupera Santa-
rem com seu filho D. Sancho I.
pag. 10.

D. Affonso Telles o Velho Cazou
com Tareja Sanches filha natu-
ral delRey D. Sancho I. de quẽ
teve filhos, pag. 48.

Infante D. Anrique Filho de D.
Sancho I. de Portugal, em que
anno naceo, e onde está sepul-
tado, pag. 39.

ElRey D. Anrique de Castella He
separado por ordem de Inno-
cêcio III. da Rainha Dona Ta-
reja

reja sua mulher por serem parentes, pag. 44. Caza com Dona Sancha filha del Rey D. Afonso de Liaõ, pag. 46. Morre infelismamente, ibi.

B

Infãte Dona Beringela **F**ilha de D. Sancho I. de Portugal nũca cazou, e onde estã enterrada, pag. 47.

Infanta Dona Branca Filha de D. Sancho I. de Portugal, foy Senhora de Guadalferrara em Castella, e onde estã sepultada, pag. 47.

C

Celestino III. **D**issolveo o casamento de D. Affonso de Castella cõ Dona Tareja, por serem parentes muito chegados, pag. 43.

Cezimbra O seu Castello foy novamente edificado por D. Sancho I. pag. 49.

Chichorros Donde procedẽ, p. 48.

Dona Constança Sanches Filha natural del Rey D. Sancho I. de Portugal, viveo no Convento de S. Francisco de Alanquer, e onde estã enterrada, pag. 48.

D

Rainha D. Doce **M**ulher del Rey D. Sãcho I. de Portugal, de quem foy

filha pag. 4. Em que anno faleceo, pag. 47. Filhos que teve, p. 37. e os seguintes.

E

Eclipse **F**Oy espantozo o que succedeo no anno de 1199. pag. 49. e 50.

Elvas O seu Castello quando foy conquistado aos Mouros por D. Sancho I. pag. 50.

F

Infante D. Fernando **F**ilho del Rey D. Sancho I. de Portugal, em que anno naceo, pag. 37. Cazou com a Condessa de Flandes, ibi. Foy prisioneiro em a batalha q̃ teve com El Rey de França, ibi.

Filhos Os legitimos dos Reys tinhaõ Dõ e naõ os bastardos, p. 4

Fome Foy espantosa a que se padecceo em Portugal, e Galiza, de que morreo a terceira parte da gente, pag. 50.

G

Gil Sanches **F**ilho natural de D. Sancho I. de Portugal, quem foy sua mãy? p. 48.

D. Gil Vaz de Souza Cazou com Dona Maria Ayres de Fornellos, amiga que fora del Rey D. Sancho

DAS COUSAS NOTAVEIS.

Sancho I. de Portugal, p. 48.

Guarda Deu foral a esta Cidade
El Rey D. Sancho I. pag. 53.

Gudufre de Bulhão He eleyto Rey
de Jerusalem depois de ser cõ-
quistada, pag. 14.

D. Guilhelme Diacono Cardial do
titulo de Sant' Angelo, Legado
do Papa Celestino III. veyo a
Portugal a separar do matrimo-
nio a El Rey D. Affonso III. de
Castella, e a Rainha Dona Ta-
reja, por estarem nullamente
cazados, pag. 43.

Guomes Lourenço Viegas Neto de
Egas Moniz força a Dona Ma-
ria Paes Ribeira, e por este cri-
me he sentenciado à morte por
El Rey D. Affonso II. de Portu-
gal, pag. 49.

I

Jacobabrym Casim **M** Iramo-
lim de
Marrocos entra com hum grã-
de exercito em Portugal acom-
panhado dos Reys de Sevilha, e
Cordova, pag. 34.

Idanha Esta Cidade he dada por
El Rey D. Sancho I. de Portu-
gal à Ordem do Templo, p. 53.

Jerusalem Em que anno foy to-
mada por Saladino Soldão do
Egypto, pag. 13. He restaurada
pelos Christãos, e que Capitães
assistiraõ a esta cõquista, p. 13.
e 14.

Innocencio III. Escreve a El Rey

D. Sancho I. exhortando-o à
Conquista da Terra Santa, p. 16.

Por sua ordem se dissolveo o
matrimonio del Rey D. Anri-
que de Castella, com a Rainha
Dona Tareja por serem paren-
tes muito chegados, pag. 44.

Joaõ Fernandes de Lima Cazou cõ
Maria Paes Ribeira, que fora a-
miga del Rey D. Sancho I. de
quem teve filhos, pag. 48.

M

El Rey D. Manoel **M** Andou
levâtar
hũa sumptuosa sepultura a El-
Rey D. Affonso Hériques, p. 2.

Maravedis De ouro quanto era a
sua valia, pag. 53.

Maria Ayres de Fornellos Foy a-
miga del Rey D. Sancho I. de
quem teve Martim Sanches, e
Dona Urraqua Sanches, p. 47.
Cazou por consentimento del-
Rey D. Sancho I. com D. Gil
Vaz de Souza, pag. 48.

Dona Maria Paes Ribeira Foy a-
miga del Rey D. Sancho I. e que
filhos teve delle, p. 48. Depois
da morte deste Princepe cazou
com Joaõ Fernandes de Lima,
de quem teve filhos, p. 48. An-
tes de ser cazada com este fidal-
go, foy forçada por Guomes
Lourenço Viegas, ibi.

Martim Affonso Tello Sobrinho
do Infante D. Pedro, he morto
em Marrocos pelos Mouros, p.

INDEX

Martim Lopes Cavalleiro Portuguez vence a D. Pedro Fernandes de Castro, que entrou armado em Portugal, pag. 30.

Martim Sanches Filho natural del Rey D. Sancho I. foy Adiantado del Rey D. Affonso de Liaõ, e cazou com a Condeffa Dona Olaya Pires, filha de D. Pedro Fernãdes de Castro o Castelaõ, pag. 47. Onde està sepultado, pag. 48.

D. Mendo Souzaõ Governou a gente de terra quando D. Sancho I. conquistou Sylves, p. 19. Quem era este Fidalgo, e com quem cazou, ibi.

Rainha Dona Mofalda Filha del Rey D. Sancho I. de Portugal, foy cazada com El Rey D. Anrique de Castella, pag. 44. Foy separada de seu marido por ordem do Papa Innocencio III. por serem parentes, ibi. Fundou o Mosteiro de Arouca da Ordẽ de S. Bernardo, pag. 46.

Montemór novo O seu Castello he edificado por Sancho I. pag. 50.

O

Olaya Pires **F**ilha de D. Pedro Fernãdes de Castro o Castelaõ, cazou com Martim Sanches filho natural del Rey D. Sancho I. de Portugal, pag. 47.

Ordem de Aviz Sendo seu Mestre D. Gonçalo Viegas, filho de D.

Egas Moniz, lhe deu D. Sancho I. de Portugal os Lugares de Alcanede, Alpedriz, Jurumenha, e o Castello de Mafora, p. 53.

Ordem de Saõ Tiago Sendo seu Mestre Sancho Fernandes, lhe deu El Rey D. Sancho I. de Portugal as Villas de Alcacere do Sal, Palmella, Almada, e Arruda, p. 53.

P

Palmella **O** Seu Castello he reedificado por D. Sancho I. pag. 49.

Infante D. Pedro Filho de D. Sancho I. de Portugal, em que dia, e anno naceo, pag. 38. Cazou com a filha do Conde de Urgel, ibi. Conduzio os corpos dos Santos Martyres de Marrocos, pag. 39.

Pedro Fernandes de Castro Chamado o Castelaõ entra em Portugal, e he derrotado por Martim Lopes, pag. 29. Com quem foy cazado, pag. 30. He morto pelos Mouros em Marrocos, p. 33. Sua filha Olaya Pires cazou com Martim Sanches filho natural de D. Sancho I. pag. 47.

Penella O seu Castello he edificado por D. Sancho I. pag. 50.

D. Pero Paes Alferes mór, fica por Capitaõ do exercito de Andaluzia em quanto D. Sancho I. vay decercar Beja, p. 8. Quem era este fidalgo, e com quem cazou, ibi.

DAS COUSAS NOTAVEIS.

R

D. Ramilo **I**Rmaõ del Rey D. Affonso de Castella, sendo Monge Bento sahio com dispensaçãõ a cazar com a Irmãã do Conde de Protes em França, pag. 36.

D. Ruy Sanches Filho natural de D. Sancho I. morreo em huma peleja na Cidade do Porto, e está enterrado em Grijó, p. 48.

S

Infanta Dona Sancha **F**ilha del Rey D.

Sancho I. de Portugal fundou o Convento de Alamquer da Ordem de S. Francisco, e hospedou os Martyres de Marrocos, pag. 47

El Rey D. Sancho I. De Portugal, em que dia, e anno naceo, p. 2.

Em q̃ anno foy aclamado Rey, ibi. Antes da morte de seu pay, cazou com Dona Doce filha de D. Reymon Conde de Barcelona, p. 4. Sendo de vinte, e quatro annos alcançou a celebre vitoria de Sevilha, p. 6. Cerca a Villa de Nebla em Andaluzia, e decerca a Beja, alcançando hũa glorioza vitoria dos Mouros, p. 7. Recupera Santarem socorrido de seu pay, p. 9. Determina conquistar a Terra Santa, e o não executa impedido de

graves rezões, p. 17. Concorre com grandes donativos para a guerra da Terra Sãta, p. 18. Cerca Serpa, ibi. Ajudado de huma Armada de Estrangeiros combate Sylves, e depois de huma prolongada resistencia a conquista, p. 18. 19. 20. e os seguintes. Filhos que teve da Rainha

Dona Doce, p. 37. até 47. Filhos naturaes que teve, pag. 47.

Reedificou o Castello de Palmella, e fez de novo o de Cezimbra, p. 49. Tomou em Galiza a El Rey D. Affonso de Liaõ a Cidade de Tuy, e as Villas de Sampayo, Lobeo, e Ponte Vedra, ibi. Edificou o Castello de Monte mór o novo, p. 50. E o de Penella, ibi. Toma aos Mouros o Castello de Elvas, ibi. Onde, e quando morreo, p. 51. Está sepultado em Coimbra cõ seu pay, e sua mulher, ibi. O seu Testamẽto porque pessoas foy assinado, ibi. Em que dia foy feyto, ibi. Legados que deixou, ibi, e p. 52. Dos Lugares q̃ povoou, e a que deu foraes, e privilegios, pag. 53.

Santarem He cercada pelos Mouros, e gloriosamente recuperada por Sancho I. junto cõ seu pay D. Affonso Henriques, pag. 9.

Serpa He cercada por El Rey D. Sancho I. pag. 18.

Sortelha O seu Castello, e Villa forãõ povoadas por D. Sancho I. pag. 53.

Sylves He tomada por El Rey D. Sancho

Sancho I. ajudado de hũa Armada Estrangeyra, pag. 18. 19.
20. He cercada por El Rey de Sevilha, pag. 34.

T

Rainha Dona Tareja Filha de D. Sancho I. foy cazada com El Rey D. Affonso de Liaõ, p. 39. Dissolveu-se este matrimonio, e se relata o motivo da separaçãõ, p. 39. Calamidades q̃ padecẽo este Reyno em quanto se naõ separaraõ estes Princepes, pag. 41. Reformou o Mosteiro de Lorvaõ da Ordem de S. Bento, p. 44. Nelle està sepultada, ibi.

Dona Tareja Sanches Filha natural del Rey D. Sancho I. cazou com D. Affonso Tellez o Velho, pag. 48.

Torres Novas Foy reedificada esta Villa, e ennobrecida por D. Sancho I. p. 53. O seu Castello se entregou a El Rey de Marrocos, p. 34.

Tuy He conquistada por El Rey D. Sancho I. de Portugal a D. Affonso de Liaõ, pag. 49.

V

Valença do Minho **A** Ntigamẽte chama-
da *Contraste* foy edificada por El Rey D. Sancho I. pag. 53.

Valhelhas Foy povoada esta Villa por D. Sancho I. e a deu à Ordem da Freiria de Evora q̃ entãõ era de Calatrava, e agora de Aviz, pag. 53.

Vizen A sua Cathedral foy ennobrecida por El Rey D. Sancho I. pag. 53.

Urbano II. Convocou os Princepes Catholicos para restaurarẽ Jerusalem, pag. 13.

Infanta Dona Urraqua Filha del Rey D. Affonso Henriques, e mulher de D. Fernando de Liaõ onde està sepultada, pag. 36.

Dona Urraqua Sanches Filha natural del Rey D. Sancho I. quem foy sua mãy, pag. 47.

FINIS LAUS DEO.

